CIDADE E CULTURA

Paisagens, festas e geossímbolos em Imperatriz-MA

Organizadores
Bruno Maia Halley
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves













Bruno Maia Halley
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves
Organizadores

Cidade e Cultura:
Paisagens, festas e geossímbolos em Imperatriz – MA

EDITORA UEMASUL
2026

Todos os direitos reservados à Editora UEMASUL. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Projeto Gráfico: Editora UEMASUL Catalogação na publicação Seção de Catalogação e Classificação.

H187 Cidade e cultura: paisagens, festas e geossímbolos em Imperatriz -MA. / Bruno Maia Halley, Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves (Orgs.). – Imperatriz: EDUEMASUL, 2026.

146 p.; il.

ISBN 978-65-89274-50-6

1. Cidade. 2. Cultura. 3. Geografia cultural. 4. Geograficidade I. Halley, Bruno Maia. II. Gonçalves, Luciléa Ferreira Lopes. III. Título.

CDU 911.3

Ficha elaborada pela Bibliotecária: **Jarina Serra Santos CRB13/953**



Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL

Reitora
Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Vice-reitor
Prof. Dr. Jorge Diniz de Oliveira

Pró-Reitora de Gestão e Sustentabilidade Acadêmica
Prof. Dra. Márcia Suany Dias Cavalcante

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Prof. Dr. Allison Bezerra Oliveira

Pró-Reitor de Planejamento e Administração
Prof. Dr. José Sérgio de Jesus Salles

Pró-Reitor de Extensão e Assistência Estudantil
Prof. Dr. José Milton Lopes Pinheiro

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas
Prof. Dr. Bruno Lucio Meneses Nascimento

Pró-Reitor de Infraestrutura
Prof. Dr. Wilson Araújo da Silva

Organizadores

Prof. Dr. Bruno Maia Halley
Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Conselho Editorial

Profa. Dra. Camila Brito Collares da Silva
Profa. Dra. Andrea Ferraz Silva Pereira
Prof. Dr. Bruno Maia Halley
Prof. Dr. Caleb da Silva Araujo Campelo
Profa. Dra. Carla Melli Tambarussi
Prof. Dr. Diego Carvalho Viana
Profa. Dra. Gilvânia Queiroz Madeira de Aguiar
Profa. Dra. Josiéli Demetrio Siqueira
Profa. Dra. Leisa Aparecida Gviasdecki De Oliveira
Profa. Dra. Luciana Oliveira dos Santos
Profa. Dra. Luciene Santana Ferreira

Coordenação da Editora

Profa. Dra. Camila Brito Collares da Silva

Diagramação

Solange dos Santos Oliveira

Capa

Eduardo da Conceição Jorge

APRESENTAÇÃO

O livro *Cidade e cultura: paisagens, festas e geossímbolos em Imperatriz-MA* constitui uma relevante contribuição aos estudos da Geografia Cultural, ao reunir pesquisas que analisam a cidade de Imperatriz sob a perspectiva das relações entre cultura, espaço, memória, identidade e paisagem. Organizado por Bruno Maia Halley e Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves, pesquisadores dedicados à Geografia Cultural e à evolução do pensamento geográfico, a obra apresenta uma sólida fundamentação teórica ancorada em autores como Paul Claval, Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Zeny Rosendahl, articulando conceitos como paisagem cultural, geograficidade, lugar, território, espaço vivido e geossímbolos. Os organizadores imprimem unidade aos capítulos ao compreenderem a cidade não apenas como um conjunto de formas materiais, mas como uma construção histórica e simbólica produzida pelas experiências cotidianas dos sujeitos.

A obra evidencia a renovação da Geografia Cultural Maranhense ao privilegiar as dimensões subjetivas e fenomenológicas do espaço geográfico, demonstrando que as práticas culturais são elementos centrais para a compreensão das transformações urbanas. Nesse sentido, Imperatriz é apresentada como um espaço de múltiplas territorialidades, onde festas, feiras livres, praças, avenidas e saberes tradicionais constituem expressões materiais e imateriais que produzem identidades, pertencimentos e memórias coletivas. Os capítulos fundamentam-se em pesquisas desenvolvidas por alunos-orientandos do curso de Geografia Licenciatura da UEMASUL, que fizeram uso de levantamento bibliográfico, observações de

campo, entrevistas e registros fotográficos, reafirmando a importância do trabalho de campo para interpretar as dinâmicas culturais da cidade.

Ao articular debates teóricos da Geografia Cultural com investigações empíricas desenvolvidas em Imperatriz-MA, o livro ultrapassa uma descrição das manifestações culturais locais e oferece uma leitura crítica da cidade como espaço vivido, continuamente ressignificado pelas práticas sociais. Dessa forma, Cidade e cultura: paisagens, festas e geossímbolos em Imperatriz-MA consolida-se como uma importante referência para pesquisadores, docentes e estudantes interessados nas relações entre cultura, cidade e produção do espaço, contribuindo para o fortalecimento dos estudos geográficos sobre o Sul do Maranhão e ampliando o debate acerca das múltiplas formas de construção da paisagem e da identidade urbana.

José Geraldo Pimentel Neto (UEMASUL)
Imperatriz-MA, 20 de julho de 2026.

Sumário

11 **Práticas culturais em espaços públicos urbanos: paisagens e geograficidades nas praças centrais de Imperatriz-MA**

Luana dos Reis Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

41 **Festividades e representações culturais em Imperatriz-MA: uma análise geográfica das práticas festivas e identidades territoriais**

Anne Karoline Silva Sousa
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

67 **Geossímbolos e paisagens culturais nas feiras livres de Imperatriz-MA: vivências, sons, cheiros e identidade no Mercadinho**

Camila Borges da Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Paisagem cultural e temporalidades urbanas em Imperatriz-MA: técnica, memória e identidade na Avenida XV de novembro

93

Lucas Mikael da Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu: representações culturais e geograficidades no município de Imperatriz-MA

Lidiene Rodrigues Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

117

Luana dos Reis Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

01

Práticas culturais em espaços públicos urbanos: paisagens e geograficidades nas praças centrais de Imperatriz-MA

PRÁTICAS CULTURAIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS: PAISAGENS E GEOGRAFICIDADES NAS PRAÇAS CENTRAIS DE IMPERATRIZ-MA

Resumo

O presente estudo discute as práticas culturais em espaços públicos urbanos a partir das paisagens e geograficidades nas praças centrais de Imperatriz. Fundamentado na Geografia Cultural e na fenomenologia, o estudo buscou compreender as práticas culturais desenvolvidas na Praça da Cultura e na Praça de Fátima. A pesquisa possui abordagem qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico, observação direta, entrevistas e registros fotográficos. Os resultados evidenciaram que as praças constituem espaços de múltiplas apropriações, relacionados ao lazer, religiosidade, manifestações culturais, encontros sociais, trabalho informal e memória coletiva. Observou-se que os diferentes usos desses espaços revelam paisagens culturais dinâmicas e geograficidades associadas ao cotidiano da população. Conclui-se que as praças analisadas expressam importantes dimensões do espaço vivido em Imperatriz, reforçando as relações entre cultura, cidade e práticas cotidianas.

Palavras-chave: Espaço público; Geografia Cultural; Paisagem; Geograficidade; Práticas culturais.

CULTURAL PRACTICES IN URBAN PUBLIC SPACES: LANDSCAPES AND GEOGRAPHICITIES IN THE CENTRAL SQUARES OF IMPERATRIZ-MA

Abstract

This study discusses cultural practices in urban public spaces through the landscapes and geographicities found in the central squares of Imperatriz. Grounded in Cultural Geography and phenomenology, the study sought to understand the cultural practices developed in Praça da Cultura and Praça de Fátima. The research adopted a qualitative approach, using bibliographic research, direct observation, interviews, and photographic records. The results showed that the squares constitute spaces of multiple appropriations related to leisure, religiosity, cultural manifestations, social encounters, informal work, and collective memory. It was observed that the different uses of these spaces reveal dynamic cultural landscapes and geographicities associated with the daily life of the population. The study concludes that the analyzed squares express important dimensions of lived space in Imperatriz, reinforcing the relationships between culture, city, and everyday practices.

Keywords: Public space; Cultural Geography; Landscape; Geographicity; Cultural practices.

1. Introdução

Os espaços públicos urbanos constituem importantes recortes das relações sociais, culturais e simbólicas produzidas no cotidiano das cidades. Entre esses espaços, as praças assumem papel significativo por abrigarem práticas significativas da convivência social, das manifestações culturais e das experiências afetivas, além das formas diversas de apropriação do espaço urbano. Mais do que estruturas físicas inseridas na paisagem citadina, as praças representam espaços dinâmicos, carregados de sentidos, significados, memórias e de "geograficidades" (Dardel, 2011) construídas a partir da interação amiúde entre os sujeitos e este lugar urbano.

No âmbito da Geografia Cultural, as discussões sobre cultura e espaço passaram a ganhar maior relevância a partir das mudanças teórico-metodológicas ocorridas na segunda metade do século XX, com o surgimento de contras-correntes no pensamento geográfico frente ao (neo)positivismo então em curso. De acordo com Almeida (2002), a renovação da Geografia Cultural possibilitou novas leituras sobre os fenômenos espaciais ao incorporar dimensões simbólicas e subjetivas subjacentes às experiências vividas dos indivíduos na análise geográfica. Nesse contexto, os estudos passaram a considerar não apenas os aspectos materiais do espaço geográfico, mas também os significados diversos atribuídos pelos indivíduos aos recortes espaciais vividos em suas experiências corriqueiras.

A cultura, nessa perspectiva, compreende práticas, valores, hábitos e formas de viver tanto individuais como as compartilhadas socialmente. Na ótica de Claval (2002, p. 21), a cultura "[...] aparece ao mesmo tempo como uma

realidade individual e social", construída continuamente pelas experiências humanas no âmbito de suas relações com espaço vivido. Assim, as práticas culturais expressam modos distintos de uso e apropriação do espaço, revelando identidades, sentimentos de pertencimento e experiências variadas que acabam configurando-se em paisagens culturais.

As práticas culturais exercitadas nos espaços públicos urbanos manifestam-se de diferentes maneiras, seja por meio do lazer, da religiosidade, das manifestações políticas, seja por meio das relações de trabalho (formal e informal) ou das mais variadas interações sociais estabelecidas no cotidiano das cidades. Segundo Corrêa e Rosendahl (2014), a chamada Nova Geografia Cultural voltou-se para a análise das experiências ordinárias do cotidiano, vernaculares, privilegiando as vivências construídas no ambiente local e os sentidos atribuídos aos lugares pelos sujeitos sociais, tanto nos espaços mais privados quanto nos de maior publicidade. Dito de outra forma, a Geografia Cultural procura analisar a percepção, a subjetividade e os significados que as pessoas e grupos sociais atribuem ao espaço (Gonçalves, 2016).

Nesse sentido, as praças urbanas configuram-se como espaços privilegiados para análise das relações entre cultura e cidade, uma vez que concentram práticas sociais diversificadas e múltiplas formas de apropriação espacial dentro de sua condição de espaço público por excelência. Rosaneli *et al.* (2016) afirmam que os espaços livres públicos constituem territórios de inúmeras sociabilidades, nos quais diferentes práticas se desenvolvem conforme os contextos históricos, sociais, econômicos, culturais e ambientais próprios. Dessa forma, apreender as dinâmicas presentes nesses espaços implica reconhecer

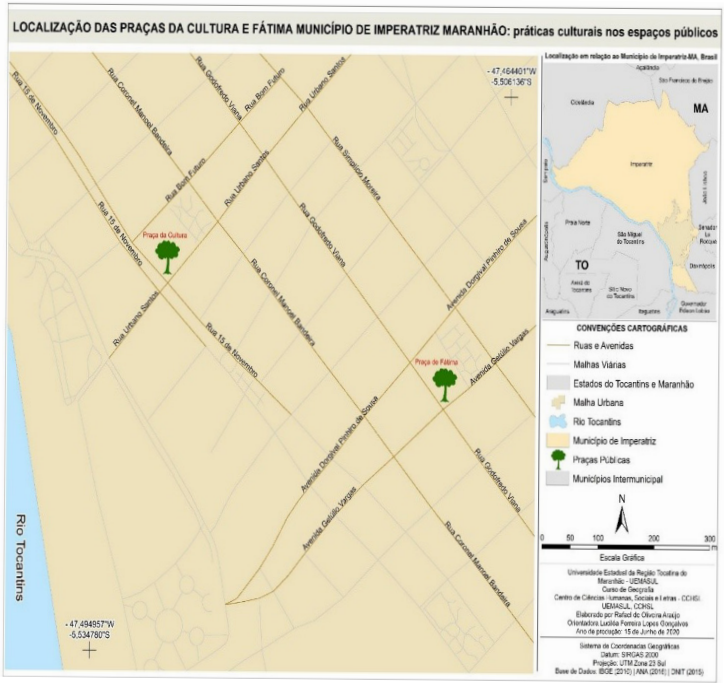
que as experiências humanas reproduzem sentidos e significados múltiplos que transformam incessantemente a paisagem urbana.

No âmbito do Sudoeste Maranhense, a cidade de Imperatriz apresenta significativa diversidade cultural expressa em seus espaços públicos, especialmente às suas praças, localizadas na área central da cidade, próximo ao seu sítio urbano original na margem direita do rio Tocantins. Inserida em um contexto urbano marcado pela intensa circulação de pessoas, atividades comerciais e serviços, o espaço central de Imperatriz tornou-se um espaço de encontros, permanências e práticas cotidianas que revelam importantes dimensões culturais do espaço vivido. Nesse cenário, destacam-se a "Praça da Cultura" e a "Praça de Fátima", ambas reconhecidas historicamente como espaços tradicionais de convivência e manifestações sociais na cidade (Figura 01).

Desde meados do século XX, a Praça da Cultura, situada na Rua Coronel Manoel Bandeira, no centro da cidade, apresenta forte vínculo com manifestações artísticas, eventos culturais, encontros sociais e práticas de lazer, configurando-se como espaço de memória e identidade urbana entre os citadinos. A Praça de Fátima, por sua vez, situada na Rua Simplício Moreira, até o segundo semestre de 2025, apresentava estreita relação com práticas sagradas e com práticas profanas ligadas às atividades comerciais adjacentes, sobretudo em função da presença da Catedral Nossa Senhora de Fátima e do intenso fluxo de pessoas que circulam diariamente pelo local. Contudo, no ano passado, a praça acabou sendo murada e gradeada pela própria paróquia, tornando-se um espaço quase de uso exclusivo para os religiosos católicos. Essa mudança vem interferindo na dinâmica do

espaço, revelando redefinições na paisagem e o advento de novas formas de apropriação, outrora marcada por uma série de experiências construídas por seus usuários em seu cotidiano urbano. Contudo, o processo de "fechamento" da Praça de Fátima não será abordado neste estudo ora apresentado, mas sim seu período anterior marcado por uma paisagem marcada por uma rica rede de sociabilidades e por uma profusão de experiências vividas que ainda permanecem no quadro de memórias dos citadinos que frequentam o centro da cidade.

Figura 01: Localização das Praças da Cultura e de Fátima no centro urbano de Imperatriz-MA



Fonte: Adaptado por Rafael Oliveira Araújo, 2020.

Neste estudo, as reflexões teóricas construídas fundamentam-se no conceito de "geograficidade", definido por Dardel (2011), como a relação existencial estabelecida entre o homem e a Terra. Para o geógrafo francês, a experiência geográfica está diretamente ligada às vivências humanas no espaço, às emoções, memórias e relações construídas no cotidiano. Nesse sentido, a geograficidade diz respeito à ligação do homem à Terra, como modo de sua existência e de seu destino. Neste entendimento, as geograficidades presentes nas praças urbanas de Imperatriz, inclusive as da Cultura e de Fátima, expressam dimensões afetivas, simbólicas e culturais produzidas nas interações entre os sujeitos e o lugar.

Em face essas premissas, o estudo tem como objetivo analisar as paisagens e as geograficidades das práticas culturais presentes na Praça da Cultura e na Praça de Fátima, no centro de Imperatriz-MA, especialmente entre os anos de 2018 e 2020 (período da pesquisa), carecendo ainda de uma análise mais aprofundada com relação às mudanças ocorridas no último ano na Praça de Fátima, em específico. Desta forma, procura-se compreender como as experiências cotidianas construídas nesses espaços na última década acabou por produzir significados múltiplos a partir de práticas espaciais das mais diversas, contribuindo para a construção das paisagens culturais da cidade.

Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa, fundamentando-se na vertente fenomenológica da Geografia Cultural. Os procedimentos metodológicos envolveram revisão bibliográfica, observação direta, entrevistas abertas e colhimento de imagens durante dias de trabalho de campo. A partir dessas análises, procura-se evidenciar as múltiplas formas de uso e apropriação

das praças urbanas de Imperatriz, apreendendo-as como espaços de convivência, memória, trabalho, religiosidade e de expressões culturais.

2. Geografia Cultural, paisagem e geograficidade: reflexões teóricas sobre os espaços públicos urbanos

As discussões construídas pela corrente da Geografia Cultural possibilitaram importantes avanços na compreensão das relações entre cultura, sociedade e espaço geográfico. Ao longo do século XX, sobretudo a partir da renovação crítica da Geografia Cultural, os estudos passaram a considerar não apenas os aspectos materiais do espaço, mas também as experiências subjetivas, simbólicas e afetivas construídas pelos indivíduos em seu cotidiano. Na ótica de Almeida (2002), essa renovação ocorreu em razão da necessidade de se entender as complexidades sociais presentes nas cidades e os novos modos de produção do espaço urbano em condições, simultaneamente, materiais e simbólicas.

Nesse contexto, a cultura deixa de ser entendida apenas como um conjunto homogêneo de tradições e passa a ser concebida como prática cotidiana, construída continuamente pelas relações sociais e pelas formas de apropriação do espaço. Para Claval (2002), a cultura constitui um conjunto de saberes, práticas, valores e experiências compartilhadas socialmente, sendo ao mesmo tempo individual e coletiva. Tal definição amplia o leque de possibilidades de análise do espaço geográfico ao considerar as diferentes maneiras pelos quais os sujeitos ocupam, vivenciam, sentem, compartilham e transformam os lugares, inclusive aqueles de caráter público.

À luz desta perspectiva, as práticas culturais inserem-se nesse debate como manifestações das experiências humanas sobre o espaço. Conforme De Certeau (1994), as práticas cotidianas correspondem às "maneiras de fazer" construídas pelos indivíduos para adaptar-se aos diferentes contextos sociais e espaciais. Essas práticas expressam formas de uso, resistência e apropriação dos espaços urbanos, revelando dimensões materiais e simbólicas presentes na vida diária. Com efeito, as praças públicas tornam-se recortes privilegiados para se analisar tais dinâmicas espaciais imersas em dimensões materiais e imateriais, em razão de concentrarem múltiplas experiências sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais.

Segundo Corrêa e Rosendahl (2014), a partir da década de 1970, a Nova Geografia Cultural passa a privilegiar os elementos ordinários da vida cotidiana, valorizando os significados atribuídos aos lugares pelos diferentes grupos sociais. Portanto, as experiências vividas na cidade tornam-se fundamentais para compreender como os sujeitos constroem experiências, vínculos afetivos, memórias e identidades territoriais. Desse modo, as praças urbanas ultrapassam sua concepção limítrofe de meros logradouros públicos, passando a serem compreendidos como lugares de sociabilidade, pertencimento e abrigo de múltiplas expressões de cultura.

Para análise dessas manifestações de cultura, procura-se no presente estudo abordar o conceito de paisagem. Para Relph (1979), a paisagem não se restringe àquilo que é visível, mas compreende também os significados e experiências produzidos no cotidiano. Dardel (2011) complementa essa reflexão ao afirmar que a paisagem corresponde a um conjunto vivido, uma

convergência, um momento vivido, carregado de sentidos e emoções que emergem da relação entre o homem e o espaço. Dessa forma, no âmbito do espaço urbano, as paisagens são construídas continuamente pelas práticas sociais, pelas memórias coletivas e pelas experiências cotidianas construídas nos lugares.

No contexto das praças públicas, as paisagens manifestam-se por meio das diferentes formas de apropriação do espaço. As práticas de lazer, os encontros sociais, as manifestações religiosas, o comércio formal e informal, a prática esportiva, afora outros eventos culturais, contribuem para a reprodução constante de paisagens culturais dentro da dinâmica do espaço urbano. Segundo Rosendahl (2012), os grupos sociais reproduzem paisagens ao mesmo tempo em que reforçam suas identidades culturais através delas. Dessa maneira, há uma relação indissociável entre os indivíduos e os espaços públicos, com ambos perfazendo um conjunto de práticas e representações de cultura, expressões materiais e simbólicas da vida coletiva na cidade.

Na discussão sobre a paisagem emana a noção dardeliana de geograficidade que remete à relação existencial entre o homem e a Terra, constituindo uma dimensão essencial da experiência humana no espaço (Dardel, 2011). Para Gonçalves (2016), os sujeitos constroem geograficidades ao longo de suas existências, sendo resultados de suas vivências, afetividades e experiências cotidianas que os conectam aos lugares. Assim, sentimentos variados, como pertencimento, memória, religiosidade, segurança, trabalho e convivência social se configuram em geograficidades presentes nos espaços urbanos.

Nesse sentido, as praças públicas urbanas se revelam

recortes espaciais dotados de geograficidades, em razão de concentrarem uma variedade de experiências humanas imersas em múltiplos usos, contra-usos, sentidos e significados. Kohlsdorf (1996 *apud* Rosaneli *et al.*, 2016) afirma que os espaços livres públicos, o que inclui as praças urbanas, constituem porções do território constituídos por diferentes práticas sociais, individualizadas por contextos históricos, sociais e culturais específicos. Assim, as praças não apenas refletem a dinâmica urbana, mas igualmente participam ativamente da construção das identidades e experiências coletivas, e, por conseguinte, da própria paisagem da cidade.

Na cidade de Imperatriz, as praças públicas do centro urbano se apresentam como importantes espaços de convivência e expressão cultural. Historicamente, a Praça da Cultura e a Praça de Fátima concentram práticas cotidianas que evidenciam diferentes formas de uso e apropriação do espaço urbano ao longo do tempo. Nessas praças, manifestações sagradas, atividades profanas (comerciais), práticas de esporte e lazer, e eventos culturais acabam por produzir paisagens e geograficidades das mais diversas, que expressam o cotidiano e as vivências dos citadinos em uma escala local.

Dessa forma, compreender as práticas culturais presentes nos espaços públicos urbanos implica reconhecer as relações afetivas, simbólicas e sociais que os sujeitos estabelecem com os lugares. As praças tornam-se, portanto, espaços de memória, pertencimento e construção de identidades, revelando dimensões fundamentais da experiência urbana contemporânea. E é a partir deste raciocínio, que se analisará as paisagens e geograficidades das praças de Fátima e da Cultura no centro urbano de Imperatriz.

3. Metodologia

A abordagem qualitativa fundamenta o presente estudo que se assenta nos pressupostos da Geografia Cultural e, por conseguinte, da Fenomenologia, buscando compreender as experiências, significados e relações construídas pelos sujeitos nos espaços públicos urbanos, em especial na cidade de Imperatriz. A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar as vivências cotidianas, os sentimentos de pertencimento e as práticas culturais manifestadas nas praças públicas de Fátima e da Cultura da referida cidade maranhense.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, valores, crenças, motivações e relações humanas, permitindo compreender fenômenos sociais que não podem ser reduzidos a dados quantitativos. Nesse sentido, uma investigação sobre as práticas culturais em espaços públicos de Imperatriz exige um olhar atento às experiências subjetivas e às dinâmicas simbólicas presentes no cotidiano urbano, sobretudo no âmbito de suas praças.

Ancorado nestes pressupostos, o estudo apresentado possui um caráter descritivo e exploratório, centrando-se em identificar, analisar e refletir recortes de paisagens e geograficidades construídas pelas experiências vividas existentes na Praça da Cultura e na Praça de Fátima, situadas na área central de Imperatriz. Esses espaços foram selecionados em razão de sua relevância histórica, cultural e social no âmbito da dinâmica espacial da cidade maranhense, além do intenso fluxo de pessoas e atividades presentes nesses espaços – no caso da Praça de Fátima até o ano passado quando foi murado o espaço.

Como procedimentos metodológicos, realizou-se inicialmente levantamento bibliográfico acerca das discussões relacionadas à Geografia Cultural, Fenomenologia, espaço público, paisagem, geograficidade e práticas culturais. Na ótica de Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador aprofundar conhecimentos teóricos já produzidos sobre determinado tema, contribuindo para a construção do referencial analítico da investigação. Neste encalço, foram utilizados livros, capítulos de livro, artigos, dissertações e teses centradas em abordar as relações entre cultura, cidade e espaço vivido.

A pesquisa de campo, por sua vez, constituiu etapa principal para a compreensão das dinâmicas espaciais existentes nas praças públicas estudadas (Praça de Fátima e Praça da Cultura). Conforme Lakatos e Marconi (2010), o trabalho de campo possibilita o contato direto do pesquisador com o fenômeno investigado, favorecendo a observação das práticas sociais em seu contexto, e, neste caso, com a paisagem do espaço público em múltiplos sentidos e significados. Dessa forma, foram realizadas visitas sistemáticas à Praça da Cultura e à Praça de Fátima, com o objetivo de observar as formas de uso, apropriação e circulação, afora os aspectos materiais-simbólicos que permeiam esses espaços públicos em suas dinâmicas urbanas.

Durante as observações de campo, foram utilizados registros fotográficos, anotações em diário de campo e a observação direta das práticas cotidianas construídas nas praças públicas de Imperatriz. A observação direta permitiu identificar manifestações culturais das mais variadas, atividades de esporte e lazer, a presença do comércio informal, além de práticas ligadas ao sagrado,

que somadas acabam por compor as paisagens culturais desses espaços. Segundo Triviños (1987), este tipo de observação direta constitui importante instrumento metodológico nas pesquisas qualitativas por possibilitar a apreensão das experiências e interações sociais no/sobre o espaço vivido.

Além da observação, foram realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas com usuários e trabalhadores das praças da cidade de Imperatriz, procurando compreender os significados atribuídos aos espaços públicos pelos sujeitos que os vivenciam cotidianamente. As entrevistas permitiram identificar sentimentos de pertencimento, memórias, experiências afetivas e percepções ambientais relacionadas às transformações ocorridas nos espaços públicos ao longo do tempo. Segundo Boni e Quaresma (2005), as entrevistas abertas favorecem maior liberdade de expressão dos entrevistados, permitindo acessar dimensões subjetivas e simbólicas das experiências sociais.

A análise das informações ocorreu de forma interpretativa, fundamentada nos preceitos fenomenológicos da Geografia Cultural. Na concepção de Holzer (1999), a Fenomenologia procura apreender o espaço a partir das experiências vividas dos sujeitos, valorizando percepções, ambiguidades, afetividades, estranhamentos e relações existenciais construídas com os lugares de vivência imediata. Nesse sentido, as análises desenvolvidas procuraram interpretar as paisagens e geograficidades presentes nos logradouros públicos de Imperatriz, sobretudo no âmbito de suas práticas culturais observadas.

Contudo, vale ressaltar que a pesquisa realizada foi impactada, parcialmente, pelo advento da pandemia

de COVID-19 (vírus SARS-CoV-2), que acabou por alterar, significativamente, a dinâmica das praças públicas da cidade, sobretudo no período final da investigação (no ano de 2020). As medidas de isolamento social reduziram o fluxo de usuários nas praças e limitaram a continuidade das atividades de campo, sobretudo no que se refere à realização de novas entrevistas e observações presenciais. Ainda assim, as informações levantadas até a pandemia permitiram compreender dimensões essenciais para análise das práticas culturais e das geograficidades presentes nesses espaços públicos urbanos.

De maneira geral, os procedimentos metodológicos adotados contribuíram para a compreensão das relações entre cultura, cotidiano e espaço urbano, permitindo analisar as praças públicas como espaços de expressiva magnitude dentro do espaço urbano, dotados por usos e apropriações variados e por uma rede rica de sociabilidades. As praças também são epicentros de expressões de religiosidade, imersas em atividades sagradas e profanas que também acabam por perfazer parte dos recortes de paisagens simbólicas na cidade de Imperatriz-MA.

4. Paisagens e geograficidades das práticas culturais nas praças centrais de Imperatriz-MA: Praça de Fátima e Praça da Cultura.

A análise das práticas culturais desenvolvidas na Praça da Cultura e na Praça de Fátima, localizadas no centro da cidade de Imperatriz, permitiu compreender como os espaços públicos urbanos expressam diferentes paisagens e geograficidades construídas a partir das

experiências vividas dos seus usuários. As observações de campo, entrevistas realizadas e registros fotográficos colhidos evidenciaram que as praças constituem espaços dinâmicos, marcados por múltiplas formas de apropriação, convivência e produção material e simbólica do espaço urbano.

Não por acaso, afirmam Corrêa e Rosendahl (2014) que os espaços urbanos revelam experiências culturais que se manifestam por meio das práticas cotidianas e dos significados atribuídos aos lugares. Nesse sentido, as praças analisadas demonstraram importante papel na constituição das relações sociais, culturais e afetivas da população local. No caso da Praça da Cultura, localizada na Rua Cel. Manoel Bandeira, na frente da Academia Imperatrizense de Letras e do Centro de Artesanato, o logradouro se apresenta como um espaço fortemente associado às práticas de lazer, convivência social e manifestações culturais. Após sua revitalização em 2018, observou-se o aumento significativo de citadinos utilizando o espaço para descanso, encontros sociais, atividades recreativas e participação em eventos culturais. As áreas arborizadas e os equipamentos urbanos disponíveis favorecem práticas relacionadas ao lazer e ao descanso, sobretudo durante os períodos mais quentes do dia.

Além das práticas de lazer, a praça também se destaca como espaço de expressões artísticas e culturais da cidade. Ao longo da pesquisa, foram identificadas manifestações ao sagrado, em especial religiosidades de matriz africana (Figura 02), afora eventos culturais, feiras de artesanato e festividades populares relacionadas ao carnaval. Essas manifestações contribuem para a construção das paisagens culturais da praça e reforçam sua carga simbólica para a cidade, sobretudo por se situar

no sítio urbano original de imperatriz.

De acordo com Rosendahl (2012), as paisagens culturais são produzidas pelas práticas sociais desenvolvidas nos lugares e reforçam identidades culturais compartilhadas pelos grupos sociais ao longo do tempo. Nestes termos, as manifestações culturais observadas na Praça da Cultura também se revelam como formas de resistência, memória e de pertencimento construídas coletivamente pelos indivíduos ao longo de suas trajetórias nos seus espaços de vivência íntima.

Figura 02: Manifestação de religião de matriz africana na Praça da Cultura, em 20 de novembro de 2018



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2018.

As entrevistas realizadas neste espaço também evidenciaram vínculos afetivos estabelecidos pelos

citadinos com a praça. Muitos frequentadores associam o espaço ao tempo, às memórias prenhes de saudade, dos momentos de encontros, lazer e de amizades construídas, que perfazem um rol de experiências vividas ao longo do tempo. Uma entrevistada destacou que a praça representa "um ponto de encontro, de descanso e de união", revelando o caráter afetivo e simbólico atribuído ao espaço urbano, recordando o conceito de "topofília" de Yi-Fu Tuan (2012), associado ao afeto ao lugar.

As práticas comerciais também se fazem presentes na Praça da Cultura, sobretudo por meio da atuação de taxistas e comerciantes informais, como vendedores de sorvete. Para esses trabalhadores, a praça representa não apenas espaço de trabalho, mas também ambiente de convivência, solidariedade e sobrevivência econômica. Por outro lado, as entrevistas apontaram preocupações relacionadas à segurança e à ausência de manutenção constante do espaço público.

A Praça de Fátima, por sua vez, revelou dinâmicas distintas daquelas observadas na Praça da Cultura, estando imersa em relações sagradas e profanas, envolvendo religiosidade e atividades comerciais em pleno coração urbano de Imperatriz. A presença da Catedral Nossa Senhora de Fátima influencia diretamente os usos, apropriações e as práticas construídas no espaço, atraindo diariamente grande fluxo de pessoas para atividades religiosas, comerciais e sociais.

As observações de campo demonstraram que a praça funciona como extensão das atividades religiosas promovidas pela igreja, especialmente durante missas, festejos e celebrações católicas. O próprio terreno da praça não é público, pertence ao poder religioso (Diocese de Imperatriz), mas, historicamente, a apropriação do

espaço sempre foi pública, para além do domínio da igreja. Só recentemente, em 2025, que a igreja acabou realizando o "fechamento" do espaço para uso exclusivo dos seus adeptos. Antes, contudo, era comum observar famílias ocupando os espaços da praça para alimentação, conversas e momentos de lazer. Era um lugar, "uma pausa no movimento" (Tuan, 2013, p. 169), no ritmo intenso do centro de Imperatriz. Logo, a praça era mais que um lócus de domínio do poder simbólico da igreja, era também um espaço banal, de todos, que o tomavam como um lugar de amenidade e aprazibilidade na cidade.

Além dessas características, a Praça de Fátima era marcada por uma intensa presença do comércio informal coexistindo com o comércio forma circundante. Barracas de alimentos, artesanato, feiras e pequenos comerciantes utilizavam o espaço como meio de trabalho e subsistência (Figura 03). Segundo Rosaneli *et al.* (2016), a apropriação dos espaços públicos urbanos por trabalhadores informais representa formas criativas de utilização da infraestrutura urbana, produzindo novas dinâmicas espaciais e sociais, que também acabam marcando a paisagem em suas formas, funções e significados.

As entrevistas realizadas com comerciantes e frequentadores da praça evidenciaram sentimentos de pertencimento e identificação com o lugar antes do cercamento do espaço no final de 2025. Muitos entrevistados relataram frequentar o espaço há décadas, associando-o a experiências de convivência, religiosidade e trabalho. Observou-se que, historicamente, a praça se constitui em espaço de memória e sociabilidade, sobretudo para os transeuntes da área central da cidade.

Figura 03: Ocupação do espaço público da Praça de Fátima no dia de sábado, em 29 de fevereiro de 2020



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2020.

Outro aspecto relevante identificado durante a pesquisa, antes do cercamento do espaço, se refere às manifestações políticas e rodas de conversa presenciadas na Praça de Fátima. Até o ano passado, os espaços próximos à banca de revistas e às áreas sombreadas tornavam-se pontos de encontro para debates cotidianos sobre política, economia e acontecimentos locais. Essas práticas observadas reforçam o papel das praças públicas como espaços democráticos de interação social e circulação de ideias, e também de grupos sociais divergentes em suas inclinações políticas e ideológicas.

As análises desenvolvidas também permitiram compreender que as paisagens urbanas presentes nas praças de Fátima e da Cultura são constantemente modificadas pelas práticas cotidianas exercidas por seus

usuários. Conforme Dardel (2011), a paisagem constitui uma experiência vivida, construída pelas relações humanas estabelecidas com o espaço. Ela envolve, simultaneamente, elementos materiais, mas também imateriais, relacionando-se a sentimentos, memórias e experiências compartilhadas socialmente. Com efeito, as paisagens das praças de Imperatriz se encontram imersas nas materialidades e imaterialidades compondo parte significativa da fisionomia da cidade.

Em razão da pandemia de COVID-19 surgida no início de 2020, houve a redução drástica da circulação de pessoas nas praças públicas de Imperatriz em decorrência das medidas de isolamento social adotadas em escala global pela Organização Mundial de Saúde - OMS. As paisagens das praças, anteriormente marcadas pela intensa presença de citadinos, passaram a revelar esvaziamento e diminuição das práticas culturais e comerciais.

Apesar das limitações impostas pela pandemia, a pesquisa desenvolvida entre os anos de 2018 e 2020 evidenciou que as praças centrais de Imperatriz representam importantes espaços de produção de sociabilidades, memórias, identidades e práticas culturais, não obstante ao fato da Praça de Fátima ter sofrido uma mudança profunda na organização do seu espaço, que ainda carece ser estudado à luz deste novo contexto apresentado desde 2025. Contudo, até o momento da pesquisa, as praças revelaram diversas formas de uso e apropriação, apontando sentidos de geograficidades associadas ao cotidiano urbano e às experiências vividas pelos cidadãos nesses espaços públicos.

5. Considerações Finais

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou compreender práticas culturais presentes em espaços públicos centrais da cidade de Imperatriz, no âmbito das praças de Fátima e da Cultura, evidenciando como recortes de paisagens e geograficidades são produzidos a partir de experiências vividas em logradouros da cidade. A análise da Praça da Cultura e da Praça de Fátima demonstrou que esses espaços vividos transbordam suas formas e funções físicas, constituindo-se como recortes de convivência social, memória, pertencimento e de múltiplas expressões culturais.

A partir das observações de campo, entrevistas e análises centradas nos aportes da Geografia Cultural, foi possível identificar variadas formas de uso e apropriação das praças de Fátima e da Cultura, associadas às práticas de lazer, religiosidade, manifestações de cultura, relações de trabalho e de redes diversas de sociabilidade. Essas experiências revelam que as praças públicas se configuram em espaços dinâmicos prenhes de sentidos e de significados múltiplos, cujos frequentadores acabam ressignificando suas paisagens a partir do plano imediato do vivido, embora outras estruturas mais verticais, como o Estado e grupos hegemônicos, também interfiram em sua fisionomia e estrutura espacial (como no caso mais recente da Praça de Fátima com o fechamento do largo pela igreja).

Conforme ressaltado, a Praça da Cultura destacou-se como espaço de forte expressão artística, cultural e afetiva, reunindo práticas relacionadas ao lazer, convivência social e manifestações culturais que contribuem para a construção de identidades culturais na cidade (Figura

04). Já a Praça de Fátima apresentou maior relação com práticas religiosas, atividades comerciais e sociabilidades cotidianas, evidenciando a influência da Catedral Nossa Senhora de Fátima no arranjo espacial e nas manifestações e representações de cultura do lugar.

As análises desenvolvidas permitiram compreender que as paisagens observadas nas praças são construídas pelas experiências vividas dos citadinos dentro de dimensões concretas e simbólicas em suas relações com o meio circundante. Conforme Dardel (2011), a experiência geográfica está diretamente ligada à forma como o homem vive e sente o espaço, produzindo geograficidades marcadas por afetividades, memórias e experiências compartilhadas. Nesse sentido, os espaços públicos analisados expressam dimensões importantes do espaço vivido na cidade de Imperatriz, envolvendo materialidades (formas) e imaterialidades (sentidos e significados simbólicos).

A pesquisa também evidenciou que as praças desempenham papel social relevante para diferentes grupos sociais, especialmente para trabalhadores informais, comerciantes, famílias, frequentadores e participantes de manifestações culturais e religiosas. Dessa forma, os espaços públicos, como as praças de Fátima e da Cultura, configuram-se como espaços de expressiva magnitude, epicentros de sociabilidade e sobrevivência econômica (inclusive para pessoas em situação de rua), permitindo diferentes meios de interação social e de uso público da cidade.

Figura 04: Momento de lazer envolvendo pais, mães e filhos na Praça da Cultura na cidade de Imperatriz-MA



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2020.

Outro aspecto relevante identificado no estudo se refere às transformações ocorridas nos espaços das praças em decorrência do advento da pandemia de COVID-19 no ano de 2020. O esvaziamento temporário dos espaços públicos evidenciou a importância desses logradouros para a vida coletiva urbana no âmbito das relações sociais cotidianas. A diminuição da circulação e das práticas culturais alterou significativamente as paisagens urbanas observadas durante o período final da pesquisa, demonstrando o caráter dinâmico e mutável das paisagens e das geograficidades na escala da cidade.

Em face ao apresentado, conclui-se que as praças públicas de Imperatriz (de Fátima e da Cultura) constituem microcentralidades, lócus de experiências vividas e de múltiplas formas e de usos, pelos quais os seus frequentadores compartilham sentidos e significados

que fazem parte da própria alma da cidade. As práticas identificadas reforçam a relevância dos espaços públicos para a construção das identidades, da memória coletiva e das relações de pertencimento malgrado às individualidades cada vez mais presentes no contexto urbano contemporâneo.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, ed. especial, n. 1, p. 43-56, 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. **Mercator**, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Luciléa Ferreira Lopes. **Entre sotaques, brilho e fitas:** tecendo geograficidades por meio dos bois Rama Santa e Maioba. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

HOLZER, Werther. Fenomenologia, geografia e paisagem. **Revista da ANPEGE**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 67-91, 1999.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. Tradução de Lívia de Oliveira. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

ROSANELI, Alessandro Fila et al. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 359-374, set./dez. 2016.

ROSENDAHL, Zeny. Paisagem cultural e religião. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé. **Literatura e paisagem em diálogo.** Rio de Janeiro: Makunaima, 2012. p. 45-58.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. (Tradução de Lívia de OLIVEIRA) Londrina: Eduel, 2013. 248p.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

Anne Karoline Silva Sousa
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

02

Festividades e representações culturais em Imperatriz-MA: uma análise geográfica das práticas festivas e identidades territoriais

FESTIVIDADES E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS EM IMPERATRIZ-MA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA DAS PRÁTICAS FESTIVAS E IDENTIDADES TERRITORIAIS

Resumo

O presente capítulo analisa as festividades de Imperatriz, Maranhão, a partir da Geografia Cultural, considerando as festas como expressões simbólicas da cultura local. A pesquisa identificou representações presentes em festividades religiosas e populares, compreendendo suas relações com o espaço vivido. O estudo possui abordagem qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico, observações de campo, entrevistas e registros fotográficos. As análises concentraram-se na Festa de Santa Teresa D'Ávila, Festa de Reis, Festa do Divino e Festas Juninas. Os resultados evidenciam que as festas fortalecem a memória coletiva, a identidade territorial e a convivência comunitária, reafirmando as relações entre cultura, memória e território no contexto maranhense.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Festividades; Identidade Territorial; Cultura Popular; Imperatriz-MA.

FESTIVITIES AND CULTURAL REPRESENTATIONS IN IMPERATRIZ-MA: A GEOGRAPHICAL ANALYSIS OF FESTIVE PRACTICES AND TERRITORIAL IDENTITIES

Abstract

This chapter analyzes the festivities of Imperatriz, Maranhão, through the perspective of Cultural Geography, considering festivals as symbolic expressions of local culture. The research identified representations present in religious and popular celebrations, examining their relationships with lived space. The study adopted a qualitative approach, using bibliographic research, field observations, interviews, and photographic records. The analyses focused on the Feast of Saint Teresa D'Ávila, the Feast of Kings, the Feast of the Divine and the June Festivals. The results show that these festivities strengthen collective memory, territorial identity, and community coexistence, reaffirming the relationships between culture, memory, and territory in the Maranhão context.

Keywords: Cultural landscape; Geosymbols; Street market; Geography of emotions; Imperatriz.

1. Introdução

As festividades constituem manifestações culturais singulares que expressam modos de vida, tradições, experiências vividas e relações simbólicas construídas historicamente pelos sujeitos em seus territórios. Mais do que meros eventos, as festas revelam sentimentos de pertencimento, memória, religiosidade e identidade territorial, tornando-se espaços de sociabilidade e produção de significados no cotidiano dos indivíduos e grupos sociais. Nesse contexto, a Geografia Cultural contribui para compreender as formas pelas quais os grupos sociais organizam, representam e atribuem sentidos aos espaços vividos por meio das práticas culturais.

Os estudos da Geografia Cultural têm ampliado as discussões acerca dos momentos festivos, considerando que as festas articulam elementos simbólicos, territoriais e afetivos presentes na relação entre sociedade e espaço. Conforme afirma Paul Claval (1997), a cultura manifesta-se nas experiências sociais e nas representações construídas pelos sujeitos em seus cotidianos vividos, permitindo compreender os significados atribuídos aos lugares e às paisagens culturais. Assim, as festividades podem ser apreendidas como expressões de cultura que revelam identidades territoriais e formas de apropriação simbólica do espaço geográfico.

No município de Imperatriz, no Sudoeste do Maranhão, as festividades religiosas e populares representam importantes elementos da cultura local, reunindo práticas que envolvem fé, tradição, música, culinária, dança e convivência comunitária. Festas como as de Santa Teresa D'Ávila, Festa de Reis, Festa do Divino

e as Festas Juninas mobilizam diferentes indivíduos e grupos sociais, que acabam por produzir territorialidades marcadas pela memória coletiva e pelos vínculos afetivos construídos ao longo do tempo.

Essas manifestações festivas revelam experiências vividas que perpassam a materialidade das celebrações, constituindo formas simbólicas de expressão de identidade territorial e de sentimento de pertencimento ao lugar. Para Holzer (1999), o lugar é resultado das relações afetivas e das experiências construídas pelos sujeitos em sua vida diária, sendo demarcado e eleito pelos sentidos, significados e valores atribuídos ao espaço vivido. Dessa maneira, as festas tornam-se momentos de congraçamento e fortalecimento dos laços sociais e de reafirmação cultural dos indivíduos no seu lugar.

Além disso, as festividades acompanham as mudanças sociais e culturais em curso, incorporando novos elementos organizacionais, estéticos e midiáticos sem romper na totalidade com suas tradições. No dizer de Almeida (2010), as festas constituem manifestações que expressam tanto permanências quanto adaptações culturais às novas tendências e dinâmicas da modernidade, revelando ressignificações constantes de práticas culturais nos territórios.

Desse modo, compreender as festividades no espaço urbano e na zona rural de Imperatriz significa analisar não somente os eventos em si, mas igualmente os sujeitos, as experiências e os significados construídos coletivamente no território. No Maranhão, as práticas religiosas, os cortejos, os cantos, os rituais, as danças, os sabores e as formas de organização social revelam que as festas constituem significativas expressões da cultura popular, fortalecendo vínculos de identidade e pertencimento territorial.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as festividades do município de Imperatriz, no Sudoeste Maranhense, identificando as memórias, sentidos, simbolismos e representações presentes nas manifestações festivas da cidade. Procura-se, portanto, compreender como as festas religiosas e populares contribuem para a construção das identidades territoriais, considerando as experiências vividas pelos sujeitos envolvidos nas celebrações.

Desse modo, o estudo procura contribuir para as investigações da Geografia Cultural ao evidenciar as festividades como fenômenos simbólicos e identitários, capazes de revelar relações entre memória, território, religiosidade e sentimento de pertencimento. Além disso, reforça a importância da valorização das manifestações culturais locais na condição de patrimônios das comunidades imperatrizenses.

2. Festividades e representações culturais em Imperatriz-MA

As festividades observadas no município de Imperatriz-MA revelam importantes expressões culturais construídas historicamente pelas comunidades locais, constituindo manifestações carregadas de simbolismos, afetividades, religiosidades e pertencimento territorial. Os resultados da pesquisa revelam que as festas representam mais do que momentos de celebração coletiva, configurando-se como práticas culturais que fortalecem identidades, memórias e relações sociais no espaço vivido.

A partir dos levantamentos colhidos em atividades de campo, entrevistas e observações diretas realizadas durante a pesquisa, foram identificadas distintas

festividades populares e religiosas no município de Imperatriz, entre elas: a Festa de Santa Teresa D'Ávila, a Festa de Reis, a Festa do Divino e as Festas Juninas. Cada uma dessas manifestações apresenta singularidades subjacentes à história, religiosidade, culinária, música e às formas de organização social e comunitária.

De acordo com Almeida (2008), as manifestações culturais representam sistemas simbólicos construídos socialmente, revelando-se fundamentais para o entendimento das identidades territoriais. Com efeito, as festas em Imperatriz se apresentam como práticas coletivas que articulam saberes-fazeres, tradição, memória e sentimento de pertencimento, expressando a relação dos sujeitos com o lugar.

A) As festas religiosas e a construção da identidade territorial

Entre as festividades analisadas na cidade, destacam-se as de caráter religioso, especialmente a Festa de Santa Teresa D'Ávila e a Festa do Divino, que mobilizam a comunidade em torno de práticas de fé e devoção. Também há a Festa de Reis, realizada em torno da Igreja São José do Egito, no bairro do Bacuri, próximo ao centro de Imperatriz. A Festa de Santa Teresa D'Ávila, padroeira da cidade, realizada entre 6 e 15 de outubro, representa uma das manifestações religiosas mais tradicionais de Imperatriz, confundindo-se com a própria origem da cidade. A festa reúne um número expressivo de fieis nas atividades sagradas, como procissões terrestre e náutica, além de celebrações litúrgicas, e nas atividades profanas, como apresentações culturais e comercialização de comidas típicas.

A procissão náutica realizada no rio Tocantins, seguida da terrestre, constitui outro elemento simbólico

de grande apelo popular da festividade, onde se rememora a chegada do fundador de Imperatriz, o Frei Manuel Procópio, ao espaço que viria a se constituir a cidade na margem direita do curso d'água. Conforme relatado por uma das entrevistadas: "A festa faz parte da história da cidade e da nossa vida, porque desde pequenos participamos dela"[1] (Figura 01).

O relato evidencia a presença de uma memória afetiva e de um sentimento de pertencimento construído em torno da festividade, lugar de encontro para os fiéis em seu momento de ligação com o sagrado. Para Holzer (1999), o lugar é constituído pelas experiências vividas e pelos vínculos afetivos estabelecidos pelos sujeitos com o espaço, inclusive em cerimônias de sacralização deste espaço vivido. Assim, a Festa de Santa Teresa D'Ávila representa uma manifestação de identidade religiosa para a população católica de Imperatriz.

Figura 01: Procissão de Santa Teresa D'Ávila, nas adjacências do Porto das Balsas, na margem direita do Tocantins, em 15 de outubro de 2017



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2017.

1 Entrevista concedida por Maria Regina Paixão Machado, em maio de 2017.

Da mesma forma, a Festa do Divino Espírito Santo, realizada na zona rural de Imperatriz, no povoado de Petrolina, apresenta forte dimensão comunitária e religiosa. As observações de campo revelaram que os participantes iniciam as atividades com a Festa de Pentecoste, depois percorrem as casas da comunidade cantando e rezando, fortalecendo os laços sociais entre os moradores, e, em seguida, cantam em cemitérios. Por fim, realizam um almoço comunitário, seguido da realização da Procissão do Divino, como desfecho das atividades (Figura 02). Ao final das celebrações, ocorre um almoço coletivo seguido de procissão religiosa, momento marcado pela participação comunitária e pela partilha.

Figura 02: Procissão do Divino no povoado de Petrolina, na zona rural de Imperatriz, em maio de 2018



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2018.

A Festa de Reis, que comemora a visita dos Três Reis Magos ao menino Jesus, constitui uma celebração tradicional na zona rural de Imperatriz e no bairro urbano do Bacuri, em torno da Igreja São José do Egito. A festa encontra-se marcada pela comunhão das pessoas em seu lugar de moradia. No Bacuri, no ponto alto da festa, organiza-se um banquete para os fiéis da comunidade, com todos compartilhando o alimento na casa da Dona Antônia Pereira, responsável pela festa que possui quase de 30 anos de existência, se estendendo entre os dias 26 de dezembro a 02 de janeiro de cada virada de ano.

As entrevistas demonstraram que a festa permanece viva pela transmissão das tradições familiares e pelo compromisso comunitário com a preservação da memória coletiva. Conforme depoimentos dos participantes, muitos indivíduos e grupos sociais retornam de outros estados para participar da festividade e cumprir promessas religiosas, evidenciando o caráter afetivo e simbólico da celebração.

Segundo Gonçalves (2016), as festas representam momentos de confraternização e fortalecimento coletivo, nos quais a comunidade reafirma suas memórias e suas tradições culturais. Nesse contexto, as festas religiosas de Imperatriz revelam-se como espaços de construção de identidades e de preservação de tradições culturais.

B) Cultura popular e representações simbólicas nas festividades

Afora as manifestações religiosas, as festas populares também representam significativas experiências coletivas na dinâmica cultural de Imperatriz. As festas juninas destacam-se pela valorização das danças, músicas, culinária típica e apresentações de quadrilhas. O Arraiá da

Mira, realizado entre 01 e 10 de junho, no estacionamento do Imperial Shopping, representa uma das principais expressões culturais da cidade, reunindo milhares de participantes em um grande espetáculo festivo. As observações levantadas durante o evento possibilitaram identificar a presença de traços tradicionais do Nordeste associados à novas dinâmicas estéticas e midiáticas adotadas na última década.

No contexto das quadrilhas juninas, os figurinos criativos, os cenários reproduzidos, os sistemas de iluminação e as coreografias diversas revelam processos de transformação das festas populares, que incorporam técnicas mais atuais, sem, no entanto, abandonar suas raízes culturais na totalidade. Conforme ressalta Almeida (2010), as festas contemporâneas acompanham as mudanças em curso, com a incorporação de novos elementos culturais e mercadológicos dentro de suas manifestações.

O Arraiá da Mira evidencia como as festividades se adaptam às exigências da modernidade e das redes midiáticas, transformando-se em grandes eventos culturais, mas que ainda preserva em parte sua dimensão identitária centrada em tradições (Figura 03). A festa mantém elementos tradicionais do ciclo junino nordestino, a exemplo da culinária típica, das músicas regionais e das apresentações culturais, reafirmando a identidade cultural maranhense.

No tocante à culinária, na pesquisa pode-se observar que as comidas típicas, como bolo de milho, bolo de tapioca, galinha caipira e o churrasquinho, constituem símbolos culturais compartilhados coletivamente durante as festividades. Os sabores presentes nas festas reforçam a memória afetiva e a relação entre cultura e território,

denotando regionalidades características do Nordeste brasileiro.

Figura 03: O Arraiá da Mira na edição de 2018, na cidade de Imperatriz-MA



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2018.

No dizer de Paul Claval (1997), as práticas culturais produzem significados e representações que organizam o espaço socialmente. Desse modo, a culinária, os rituais, cantos e as formas de convivência apreendidas nas festividades de Imperatriz acabam se constituindo em expressões simbólicas que fortalecem os vínculos comunitários e os sentimentos de pertencimento entre os indivíduos.

C) As festividades como expressão do espaço vivido

As experiências observadas durante a pesquisa revelam que as festividades constituem importantes formas de expressão do espaço vivido. Os sujeitos envolvidos nas

celebrações atribuem significados afetivos, religiosos e culturais às festas, transformando os espaços festivos em lugares de memória, de encontro e de identidade. As entrevistas revelaram que muitas famílias participam das festividades há várias gerações, contribuindo para a continuidade das tradições culturais em Imperatriz. As festas tornam-se, portanto, momentos de transmissão cultural e fortalecimento das relações interpessoais.

Conforme aponta Paul Claval (1997), a cultura organiza as experiências humanas e produz formas de apropriação e representação do espaço. Por conseguinte, as festividades revelam territorialidades construídas por meio das crenças, da tradição, da música, da culinária e das mais variadas experiências compartilhadas coletivamente.

Dessa forma, os resultados da pesquisa revelam que as festas religiosas e populares desempenham papel fundamental na construção das identidades culturais de Imperatriz, constituindo-se manifestações materiais e simbólicas, articulando saberes, memória, territorialidade e pertencimento no espaço urbano e rural do município.

3. Metodologia

A pesquisa ora apresentada caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos da Geografia Cultural, procurando compreender as festividades do município de Imperatriz na condição de manifestações culturais que expressam identidades, simbolismos e territorialidades. A abordagem adotada possibilita decifrar os sentidos, significados, as experiências e representações construídas pelos sujeitos

em suas práticas festivas, valorizando as dimensões simbólicas e subjetivas presentes nas relações entre cultura e espaço geográfico.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, valores, crenças e experiências humanas, permitindo compreender os fenômenos sociais em sua complexidade. Por conseguinte, o uso dos procedimentos qualitativos possibilitou interpretar as festividades não apenas como eventos comemorativos, mas como expressões culturais carregadas de memória, pertencimento e identidade territorial.

Conforme já explicitado, a pesquisa teve como área de estudo o município de Imperatriz-MA, considerando tanto o espaço urbano quanto a zona rural onde emanam festividades religiosas e populares aqui investigadas. Foram analisadas manifestações como a Festa de Santa Teresa D'Ávila, Festa de Reis, Festa do Divino e as Festas Juninas, escolhidas pela ressonância social e econômica, relevância cultural e pela participação comunitária.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em três etapas principais. Na primeira etapa, realizou-se levantamento bibliográfico e documental em livros, artigos, dissertações, teses e publicações relacionadas à Geografia Cultural, com temas calcados em festas populares, identidade territorial, memória e manifestações culturais. Essa etapa permitiu construir os fundamentos teóricos necessários para a análise das festividades na condição de fenômenos espaciais, entendidas como manifestações de cultura construídas pelos sujeitos em seus espaços de vivência, conforme destaca Claval (1997).

Na segunda etapa, foram desenvolvidos trabalhos de campo, realizados por meio de observações diretas

durante as festividades, com a realização de entrevistas semiestruturadas e colhimento de imagens. As observações permitiram identificar os traços simbólicos presentes nas festas, a exemplo dos rituais religiosos, das procissões, dos cantos, das danças, da culinária típica, dos trajes e das formas de organização espacial.

As entrevistas foram realizadas com organizadores das festas, moradores, participantes e representantes das comunidades envolvidas nas celebrações. Os relatos coletados possibilitaram compreender os sentimentos de pertença e os significados atribuídos às festividades pelos sujeitos participantes em suas experiências vividas, que se constituem elementos fundamentais para a compreensão do lugar e, assim, das relações afetivas construídas no espaço (Holzer, 1999).

Quanto aos registros fotográficos colhidos em campo, as imagens contribuíram para documentar as paisagens culturais, os momentos da festa e as práticas coletivas durante a realização dos eventos, possibilitando uma análise mais detalhada das representações simbólicas presentes nas festividades.

Na terceira etapa, ocorreram reuniões, sistematização e análise das informações obtidas em campo. Os dados coletados foram analisados à luz dos referenciais teóricos da Geografia Cultural e Humanista, procurando compreender as festividades como práticas culturais produtoras de identidade, memória e territorialidade.

De acordo com Almeida (2008), as manifestações culturais constituem sistemas simbólicos construídos socialmente, expressando valores, tradições e formas de vivência com o território. Desse modo, a metodologia adotada possibilitou compreender como as festas de Imperatriz produzem representações culturais no espaço,

que acabam fortalecendo os vínculos entre os sujeitos e seus territórios.

Ademais, os procedimentos utilizados da pesquisa permitiram descortinar as festividades em sua dimensão material, simbólica e territorial, valorizando as experiências dos sujeitos e reconhecendo as festas como singulares manifestações da cultura popular maranhense.

4. Principais Resultados

Os resultados da pesquisa evidenciam que as festividades de Imperatriz constituem manifestações culturais que contribuem para a construção das identidades territoriais, das memórias coletivas e das relações de pertencimento entre os sujeitos e o espaço circundante. As observações de campo, entrevistas e registros fotográficos permitiram compreender que as festas populares e religiosas transbordam a dimensão comemorativa, configurando-se como práticas imersas em simbolismos, afetividades e experiências compartilhadas.

As manifestações festivas identificadas durante a pesquisa revelam traços culturais construídos historicamente pelos indivíduos e comunidades locais, articulando religiosidade, música, culinária, tradição e convivência social. Com efeito, as festas constituem marcas da cultura popular maranhense, que revelam a permanência de práticas e saberes transmitidos entre gerações. Conforme ressalta Almeida (2008), as manifestações de cultura constituem sistemas simbólicos compartilhados socialmente, sendo fundamentais para a compreensão das identidades territoriais e das diversas representações produzidas no espaço geográfico.

Entre as festas de Imperatriz, destacam-se as manifestações religiosas, sobretudo a Festa de Santa Teresa D'Ávila, padroeira da cidade. A pesquisa revelou que essa festividade possui significado histórico expressivo, além de afetivo para os fiéis católicos da cidade, sobretudo devido à relação da santa com a fundação do município. Durante o trabalho de campo, observou-se que a procissão realizada pelo rio Tocantins, desde o ano de 1985, constitui-se uma referência simbólica para a memória coletiva, que rememora a chegada de Frei Manuel Procópio pelas águas do rio à região.

As entrevistas realizadas evidenciaram que a participação na festa ocorre de forma intergeracional, fortalecendo vínculos familiares e laços comunitários no âmbito dos lugares de comemoração. Uma das entrevistadas relatou: "Fui criada dentro do festejo porque meus pais sempre participaram da igreja e meus avós ajudaram na construção da primeira igreja de Santa Teresa"[2].

O depoimento revela como a festividade está relacionada às experiências vividas e aos sentimentos de pertencimento construídos no cotidiano dos indivíduos. Logo, a Festa de Santa Teresa D'Ávila se constitui em um lugar, delimitado afetivamente pelas experiências e simbolismos estabelecidos entre as pessoas e o espaço vivido (Holzer, 1999). Daí mais um traço marcante da Festa de Santa Teresa D'Ávila, reconhecida com uma das mais tradicionais manifestações de cultura de Imperatriz, que se confunde com a própria fundação da cidade ainda no século XIX (1852).

Outro aspecto observado na pesquisa refere-se às mudanças ocorridas nas festas no decorrer do

2 Entrevista concedida por Maria Regina Paixão Machado, em maio de 2017.

tempo. As entrevistas revelam mudanças relacionadas à organização dos festejos, à culinária e às dinâmicas das celebrações, evidenciando que as festas acompanham as transformações sociais, econômicas e culturais da ordem do dia. De acordo com Gonçalves (2016), as festividades evoluem no tempo e no espaço, incorporando novos elementos culturais materiais e imateriais, sem, no entanto, perder seus aspectos tradicionais mais típicos, mas apenas parcialmente, frente aos processos hegemônicos da cultura de massa da globalização.

Além da Festa de Santa Teresa, a Festa do Divino também se destaca como outra singular manifestação religiosa realizada na zona rural de Imperatriz. Os resultados da pesquisa revelam que essa celebração mobiliza moradores locais e visitantes em torno de práticas do sagrado, com rezas, cantorias e procissões que fortalecem os laços comunitários. Durante as observações de campo, identificou-se que os participantes percorrem as casas da comunidade realizando orações e cantos religiosos, mantendo práticas transmitidas entre gerações. No bojo destas relações com o sagrado, há uma série de ações profanas subjacentes, que envolvem a comercialização de alimentos, bebidas, imagens e objetos sacras, que igualmente acabam por demarcar o território da festa.

A pesquisa ainda revelou que a Festa do Divino, no povoado rural de Petrolina pertencente ao município de Imperatriz, se encontra concatenado à memória de sua antiga organizadora Dona Silveira, figura simbólica responsável pela celebração durante várias décadas. Após seu falecimento, em 2011, a continuidade da festividade passou a ser conduzida por Dona Estael, filha adotiva de Dona Silveira, o que evidencia a importância da tradição

familiar na preservação das manifestações culturais locais.

Dentro deste repasse de saberes-fazeres, as festas religiosas observadas revelam que os espaços festivos constituem importantes territorialidades simbólico-materiais, organizadas a partir das práticas do sagrado e das relações de parentesco, compadrio e vizinhança que se entrelaçam no acontecer do solidário da festa. Não por acaso, ter afirmado Claval (1997) que as manifestações de cultura assentadas em redes de sociabilidades produzem representações espaciais repletas de significados constituindo-se em territorialidades por excelência.

Entre os resultados da pesquisa, também as Festas Juninas se destacam, sobretudo o Arraiá da Mira, considerado uma das maiores manifestações culturais de Imperatriz. As leituras construídas durante o evento permitiram identificar a presença de elementos tradicionais nordestinos associados a novas tendências midiáticas. As quadrilhas, os figurinos, os cenários exuberantes e os sistemas de iluminação, afora os espetáculos musicais, revelam as mudanças em cursos no âmbito da festa, com a adoção de novas referências, símbolos, mas, igualmente, a sobrevivências de outras mais tradicionais, ligadas às danças, músicas e culinária típica do Nordeste brasileiro.

Especificamente, a culinária típica apareceu como importante elemento simbólico das festividades analisadas. Alimentos como bolo de milho, bolo de tapioca, galinha caipira e pratos derivados do milho constituem expressões culturais compartilhadas coletivamente durante os festejos. Esses sabores fortalecem a memória afetiva e a relação dos sujeitos com o território. Com efeito, assegura Claval (1997) que os elementos culturais

presentes nas experiências vividas reproduzem sentidos e significados diversos, que acabam organizando material e simbolicamente o espaço. Desse modo, a música, os rituais religiosos, a culinária típica e as formas de convivência presentes nas festividades de Imperatriz representam expressões significativas da cultura popular que coexistem com referências mais hegemônicas da cultura de massa.

As experiências observadas demonstram que as festividades constituem espaços de encontro, memória e construção de identidades coletivas. As famílias participantes mantêm vínculos históricos com as celebrações, transmitindo práticas culturais e fortalecendo relações de pertencimento entre gerações. Assim, as festas em Imperatriz revelam territorialidades construídas por meio do sagrado, da tradição, da cultura popular e das experiências vivenciadas no espaço.

Acrescenta-se, ademais, que os resultados da pesquisa acabam por revelar as festividades populares e sagradas como manifestações e representações de cultura fundamentais para a difusão, visibilidade e preservação das identidades territoriais de Imperatriz, em seus espaços urbanos e rurais, constituindo-se importantes expressões simbólicas e materiais, verdadeiros patrimônios das tradições maranhenses.

5. Considerações Finais

A pesquisa possibilitou compreender que as festividades do município de Imperatriz constituem significativas manifestações de cultura, responsáveis pelo fortalecimento das identidades territoriais, das

memórias coletivas e das relações de pertencimento entre os indivíduos em contato imediato com o universo vivido do Sudoeste Maranhense. As análises realizadas revelaram que as festas religiosas e populares de Imperatriz perpassam o caráter meramente do evento comemorativo, configurando-se como práticas sociais carregadas de simbolismos, afetividades, significados e de representações diversas de cultura construídas historicamente pelos indivíduos em suas redes de relações sociais, muitas vezes, baseadas em laços de vizinhança, familiaridade e compadrio.

Os resultados evidenciaram que manifestações, como a Festa de Santa Teresa D'Ávila, Festa de Reis, Festa do Divino e as Festas Juninas representam espaços de sociabilidade, de relações com o sagrado e com as tradições regionais. São espaços de vivência coletiva, nos quais os indivíduos reafirmam suas experiências e fortalecem os seus vínculos diretos com o território identitário em suas múltiplas dimensões. As observações de campo e os relatos dos entrevistados revelaram que as festas permanecem em evidência, em muito em razão do engajamento social e participação coletiva de famílias e comunidades que, através de seus laços de afinidades e sentimentos comuns de pertencimento, transmitem saberes, práticas religiosas e costumes entre gerações.

Em face a esse contexto, as festividades observadas revelam territorialidades culturais, marcadas pela presença da religiosidade, da culinária típica, da música, das procissões, das danças e dos rituais coletivos. Essas práticas culturais acabam produzindo representações simbólicas que atribuem sentidos e significados próprios aos espaços, fortalecendo identidades territoriais (Claval, 1997). Desse modo, as festividades em Imperatriz revelam

como a cultura organiza o espaço socialmente e produz sentimentos de pertença e identidade territorial.

As entrevistas realizadas na pesquisa também evidenciaram a forte dimensão afetiva presente nas festividades, sobretudo no bojo dos festejos religiosos. Com efeito, os relatos revelaram que muitos dos entrevistados possuem vínculos históricos com as celebrações, construídos a partir das vivências imediatas de famílias ligadas aos festejos ao longo do tempo. A partir deste envolvimento, emerge o sentido de lugar que, segundo Holzer (1999), resulta das experiências e relações afetivas construídas pelos sujeitos no espaço vivido, aspecto vislumbrado nas manifestações culturais aqui analisadas.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa refere-se às mudanças mais recentes das festividades, especialmente nas festas juninas e nos grandes eventos culturais organizados em Imperatriz. Observou-se que as manifestações incorporam novos elementos de ordem midiática, estética e organizacional sem romper completamente com suas tradições culturais. De acordo com Almeida (2010), de modo geral, as festas contemporâneas revelam processos de ressignificação cultural, acompanhando as mudanças sociais e territoriais presentes na sociedade atual, sobretudo sob a égide da globalização, com a intensa espetacularização da vida nas redes telemáticas da informação.

Em face a esse contexto, a pesquisa permitiu compreender que as festas desempenham importante papel na preservação da cultura popular maranhense, inclusive pelos meios técnicos-informacionais, funcionando como espaços de memória coletiva e continuidade das tradições locais. As práticas culturais observadas durante os festejos contribuem para a valorização das identidades territoriais

e para o fortalecimento das relações interpessoais construídas no cotidiano dos grupos sociais urbanos e rurais de Imperatriz.

Desse modo, o estudo desenvolvido procurou contribuir para os debates da Nova Geografia Cultural ao demonstrar que as festas constituem fenômenos culturais complexos, materiais e imateriais, capazes de revelar relações entre território e memória, entre o sagrado e o profano, e entre o lugar e a alteridade reforçada no momento da festa. Por conseguinte, as festividades reforçam a necessidade de se pensar políticas públicas calcadas na valorização destas manifestações enquanto patrimônios culturais de grupos sociais envolto em saberes-fazeres e experiências no espaço, que necessitam serem reconhecidos em suas práticas culturais.

À guisa de nota final, acrescenta-se que as festividades em Imperatriz representam significativas formas de reprodução cultural e territorial, meios para fazer valer resistências e traços identitários assentados na memória, na tradição e nos vínculos de pertencimento dos brincantes com seus lugares de vivência imediata. Assim, as festas permanecem como expressões valorativas da cultura maranhense, se revelando elos simbólico-materiais de regionalidades para indivíduos e grupos sociais dentro de seus territórios de vivência, essenciais para a interpretação cultural da região do Sudoeste Maranhense, e, no caso mais específico, do município de Imperatriz.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **GeoNordeste**, São Cristóvão, ano 1, n. 1, p. 31-52, jul. 2008.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Festas rurais e turismo territorial emergente. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 15, n. 918, jun. 2010.

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

GONÇALVES, Luciléa Ferreira Lopes. **Entre sotaques, brilhos e fitas:** tecendo geograficidades por meio dos bois Rama Santa e Maioba. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Camila Borges da Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

03

Geossímbolos e paisagens culturais nas feiras livres de Imperatriz-MA: vivências, sons, cheiros e identidade no Mercadinho

GEOSSÍMBOLOS E PAISAGENS CULTURAIS NAS FEIRAS LIVRES DE IMPERATRIZ-MA: VIVÊNCIAS, SONS, CHEIROS E IDENTIDADE NO MERCADINHO

Resumo

O presente estudo analisa a feira livre do Mercadinho, em Imperatriz, a partir das discussões da Geografia Cultural, com enfoque nas paisagens culturais, nos geossímbolos e nas experiências sensoriais do espaço urbano. O objetivo foi compreender como a feira constitui um espaço de identidade cultural, sociabilidade e produção simbólica nas relações entre feirantes, consumidores e o ambiente da feira. A pesquisa desenvolveu-se por meio de abordagem qualitativa e fenomenológica, utilizando levantamento bibliográfico, observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos realizados no Mercadinho Vicente Fitz. Os resultados evidenciaram que a feira ultrapassa sua função econômica, constituindo-se como espaço de significados culturais, memórias e práticas sociais. Sons, cheiros, sabores, cores, barracas e relações interpessoais foram identificados como importantes geossímbolos da identidade cultural imperatrizense e das experiências coletivas no espaço urbano.

Palavras-chave: Paisagem cultural; Geossímbolos; Feira livre; Geografia das emoções; Mercadinho/Imperatriz-MA.

GEOSYMBOLS AND CULTURAL LANDSCAPES IN THE STREET MARKETS OF IMPERATRIZ-MA: EXPERIENCES, SOUNDS, SMELLS, AND IDENTITY AT THE MERCADINHO

Abstract

This study analyzes the Mercadinho street market, in Imperatriz, through the perspectives of Cultural Geography, focusing on cultural landscapes, geosymbols, and the sensory experiences present in urban space. The objective was to understand how the market constitutes a space of cultural identity, sociability, and symbolic production through the relationships established among vendors, consumers, and the market environment. The research was developed using a qualitative and phenomenological approach, including bibliographic review, participant observation, semi-structured interviews, and photographic records carried out at the Vicente Fitz Market. The results revealed that the market goes beyond its economic function, becoming a space of cultural meanings, memories, and social practices. Sounds, smells, flavors, colors, stalls, and interpersonal relationships were identified as important geosymbols of Imperatriz's cultural identity and of collective experiences within urban space.

Keywords: Cultural landscape; Geosymbols; Street market; Geography of emotions; Mercadinho/Imperatriz-MA.

1. Introdução

A Geografia Cultural tem ampliado suas discussões sobre os espaços urbanos ao considerar não apenas os aspectos materiais da paisagem, mas também os significados, símbolos, experiências e percepções construídos socialmente pelos sujeitos em seus cotidianos. Nesse contexto, as feiras livres constituem importantes objetos de estudo por representarem espaços de memória coletiva, redes de sociabilidades, identidade e manifestações culturais, onde diferentes práticas e experiências se materializam na paisagem urbana. Mais do que locais destinados às trocas comerciais, as feiras livres configuram-se como territórios de convivência e produção simbólica, reduto de diferentes saberes-fazeres populares, que revelam relações afetivas e culturais estabelecidas entre os indivíduos e o espaço vivido.

Dentro das mudanças epistemológicas ocorridas desde 1970, as discussões sobre a paisagem na Geografia Cultural passaram por importantes redefinições conceituais. Inicialmente associada apenas à descrição dos elementos visíveis da superfície terrestre, a paisagem passou a incorporar interpretações (inter)subjetivas relacionadas às experiências humanas, aos sentidos e às emoções. Para a Geografia Cultural, a paisagem não se limita ao que é visto, aquilo que a vista alcança, mas envolve sons, cheiros, sabores, memórias e sentimentos que dão significados aos lugares. Desse modo, autores como Cosgrove (1998) e Berque (1998) compreendem a paisagem como expressão cultural construída historicamente pelas relações entre sociedade e espaço dentro de dimensões materiais e simbólico-imateriais.

Na leitura da paisagem, destaca-se o conceito de

geossímbolo, elaborado pelo geógrafo Bonnemaison (2012, p. 292) como "[...] um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade". Portanto, o geossímbolo possui características materiais ou imateriais carregados de sentidos e significados culturais e identitários para determinados grupos sociais.

Os geossímbolos constituem formas materiais e simbólicas, marcadas por memórias, experiências, crenças e valores associadas aos lugares. A paisagem das feiras livres nordestinas se apresenta repleta de geossímbolos, singularizados por meio do burburinho, das barracas, dos produtos comercializados, das cores, dos sons, dos cheiros, das práticas rotineiras e das relações interpessoais entre comerciantes, vizinhos e parentes, que também marcam a fisionomia destas ocupações no espaço urbano.

No setor Mercadinho, a feira livre Vicente Fitz, localizada no centro expandido de Imperatriz, constitui um importante espaço de expressão cultural e econômica da cidade. Frequentada diariamente por diferentes grupos sociais, a feira livre reúne uma diversidade de produtos, práticas, matizes de cultura e experiências que ultrapassam sua função meramente comercial. O Mercadinho apresenta-se como espaço de vivências coletivas, compartilhadas, dentro de uma trama de relações locais, marcadas por memórias, afetividades e identidades culturais diversas envolvendo feirantes, consumidores e trabalhadores que compõem sua dinâmica cotidiana.

Além de sua relevância econômica para o abastecimento local e regional, o Mercadinho possui

significativa importância cultural por concentrar manifestações concretas e simbólicas das mais variadas que refletem diretamente aspectos da identidade imperatrizense. Os sons característicos, os cheiros das especiarias e alimentos, as cores das barracas (Figura 01) e os produtos ofertados, bem como os laços solidariedade (ainda exercitados) e de convivência estabelecidos no espaço da feira, constituem elementos que fortalecem o sentimento de pertencimento e revelam as geograficidades presentes nessa unidade urbana.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar os geossímbolos contidos nas paisagens culturais do Mercadinho, em especial àqueles que envolvem a feira livre do bairro, considerando as experiências vividas, memórias coletivas e o processo de construção das identidades culturais neste fragmento urbano de Imperatriz. A pesquisa centra-se na Geografia Cultural, tendo por base a abordagem qualitativa e fenomenológica, buscando compreender as relações entre sociedade, cultura e paisagem a partir das experiências compartilhadas no ambiente da feira.

2. Paisagem Cultural, Geossímbolos e Vivências no Espaço Urbano

As discussões relacionadas à paisagem cultural ganharam maior relevância na ciência geográfica a partir das mudanças teórico-metodológicas ocorridas no interior da Geografia Humana e Cultural, especialmente quando a paisagem passou a ser compreendida para além de seus aspectos físicos e visíveis. Nesse processo, o espaço geográfico deixou de ser interpretado apenas como

suporte material das experiências humanas e passou a incorporar elementos imateriais, simbólicos, afetivos e culturais ligados ao mundo vivido de indivíduos e grupos sociais.

Figura 01: Perspectiva vertical das barracas do Mercadinho, na cidade de Imperatriz, imagem captada por drone, em março de 2024



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2024.

No campo da Geografia Cultural, a paisagem é entendida como expressão das relações estabelecidas entre sociedade e espaço ao longo do tempo. Para Denis Cosgrove (1998), a paisagem está diretamente

associada às formas pelas quais os indivíduos percebem e representam o mundo, sendo resultado de construções culturais e históricas produzidas pelas sociedades. Dessa forma, a paisagem não corresponde apenas àquilo que é observado visualmente, mas também aos significados e valores atribuídos aos espaços ao longo do tempo vivido.

Com efeito, a paisagem cultural manifesta-se por meio das práticas sociais, das formas, heranças, mudanças e das experiências construídas coletivamente. Segundo Berque (1998, p. 85), a paisagem "existe, em primeiro lugar, na sua relação com o sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a transforma em função de uma certa lógica". Isto evidencia que os espaços urbanos carregam marcas construídas historicamente que refletem as dinâmicas sociais de uma determinada sociedade em matrizes de cultura (Berque, 1998).

Ao abordar as relações entre paisagem e cultura, Paul Claval (2007) destaca que não é possível compreender a organização espacial contemporânea sem considerar os aspectos culturais influenciando a sociedade. Para o geógrafo, as manifestações de cultura repercutem diretamente na preservação das paisagens e das memórias coletivas, reforçando a importância dos símbolos ou geossímbolos, das tradições e das experiências cotidianas na constituição dos espaços urbanos.

A partir da década de 1970, as interpretações da Geografia Humanista-Cultural, de base fenomenológica, também contribuíram significativamente para ampliar os estudos calcados na análise da paisagem cultural, especialmente ao valorizar as experiências vividas, sensíveis e emocionais relacionadas ao espaço. Ainda na década de 1950, Eric Dardel (2011) já compreendia a relação entre o homem e a Terra como uma experiência

existencial, visceral, construída através de vivências íntimas, percepções e sentimentos produzidos no contato amiúde com o espaço geográfico.

Desse modo, a Fenomenologia possibilitou compreender que a percepção espacial não ocorre apenas por meio daquilo que a vista alcança, mas também envolve uma dimensão subjetiva, que envolve outros sentidos humanos. Assim pode-se apreender a paisagem através dos sons, cheiros, sabores e das emoções presentes nos lugares. Nesse sentido, Torres (2018) afirma que os sons da paisagem constituem importantes elementos da experiência geográfica, sendo capazes de despertar memórias, sensações e pertencimentos. Os sons propagados pelas práticas experienciadas, na relação direta do homem com o meio circundante, também integram a composição simbólica da paisagem.

Além das experiências sonoras, os cheiros e sabores também exercem papel importante na construção das identidades culturais e das memórias (inter)subjetivas. As percepções sensoriais estabelecem elos afetivos entre as pessoas e os lugares, intensificando experiências emotivas, além de reforçar o ato de se conhecer e ser reconhecido no espaço. Com efeito, na interpretação da paisagem, deve-se incorporar a objetividade e subjetividade dos sentidos humanos na percepção espacial, que se relaciona ao envolvimento do corpo com o espaço circundante.

Nesse contexto, os geossímbolos surgem como importantes elementos de interpretação das relações culturais estabelecidas no espaço. Conforme destacado, os geossímbolos correspondem a formas espaciais, materiais ou imateriais, que possuem significados especiais para determinado grupo social, perfazendo um conjunto de crenças, memórias, tradições e identidades,

que acaba por contribuir para a valorização cultural dos espaços (Bonnemaison, 2012).

Os geossímbolos podem manifestar-se de diferentes maneiras na paisagem urbana, seja através das práticas culturais, dos sons, das comidas típicas, dos mercados populares, seja a partir das festividades e das formas de sociabilidade presentes no cotidiano das cidades. Eles funcionam como elementos de identificação coletiva, permitindo compreender os vínculos culturais estabelecidos entre a população e o espaço vivido.

Com efeito, as feiras livres representam espaços importantes para a manifestação dessas experiências culturais e, assim, dos geossímbolos. Além da função econômica relacionada ao comércio popular, as feiras constituem espaços marcados pela diversidade cultural, pela circulação de saberes e pelas relações sociais construídas no cotidiano urbano. Na percepção espacial de Santos (2008), as feiras integram o circuito inferior da economia urbana, caracterizado por atividades comerciais populares e relações econômicas associadas às práticas cotidianas das populações urbanas.

No entanto, cabe ressaltar que as feiras livres ultrapassam essa espessura comercial, constituindo-se também em lugares de convivência, memória e identidade cultural. Bonamichi (2013) ressalta que esses espaços mantêm tradições populares e formas espontâneas de sociabilidade, transformando o ato de frequentar a feira em rica rede de experiências culturais. O ir e vir das pessoas, os encontros, as conversas, os cheiros das comidas típicas, os sons dos vendedores e a diversidade de produtos fazem das feiras espaços carregados de simbolismos e experiências sensoriais.

Na cidade de Imperatriz, a Feira Livre Vicente

Fitz, conhecida popularmente como "Mercadinho", revela-se como um reduto destas práticas, epicentro de manifestações culturais prenhe de geossímbolos. O local reúne diferentes práticas sociais, culturais e econômicas que expressam traços significativos da identidade regional imperatrizense. As barracas, os produtos regionais, os sons das negociações, os aromas e as relações tecidas entre comerciantes e frequentadores constituem elementos simbólicos que dão significado ao espaço e fortalecem os vínculos culturais da população com a feira.

Desse modo, a interpretação da paisagem e dos geossímbolos presentes no Mercadinho permite compreender como as experiências sensoriais e as práticas cotidianas contribuem para a construção da identidade cultural e das formas de pertencimento no lugar, na escala da vida imediata.

3. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir dos pressupostos da Geografia Cultural, com aporte teórico-metodológico da Geografia Humanista calcada nos postulados da Fenomenologia, procurando compreender as experiências, significados e as dimensões simbólicas presentes na feira livre Vicente Fitz, conhecida popularmente como "Mercadinho", localizada na cidade de Imperatriz. A escolha dessa abordagem ocorreu pela necessidade de analisar a paisagem cultural não apenas em sua dimensão material, mas também a partir das relações afetivas, sensoriais e identitárias construídas entre os sujeitos e o espaço vivido.

A pesquisa possui abordagem qualitativa, de

caráter descritivo e explicativo, permitindo interpretar as experiências cotidianas, os símbolos culturais e as práticas sociais observadas no espaço da feira livre. Conforme destaca Gil (2007), a pesquisa qualitativa possibilita compreender fenômenos sociais a partir das vivências, percepções e relações construídas pelos sujeitos em seus contextos cotidianos. E nesta perspectiva que se pretende apreender a paisagem da feira livre do Mercadinho, em Imperatriz.

Inicialmente, foi realizado levantamento bibliográfico por meio da consulta de livros, artigos científicos, dissertações, teses e publicações relacionadas aos conceitos e temas da paisagem cultural, geografia sensorial e geossímbolos dentro dos aportes da Geografia Cultural, Geografia Humanista e da Fenomenologia. Entre os principais referenciais utilizados destacam-se as contribuições de Denis Cosgrove, Augustin Berque, Paul Claval, Milton Santos e Eric Dardel, fundamentais para a compreensão da paisagem enquanto construção cultural e simbólica.

Posteriormente, foram realizadas atividades de campo na feira do Mercadinho, ao longo do ano de 2024, espaço escolhido como recorte empírico da pesquisa devido à sua relevância econômica, cultural e social para a cidade de Imperatriz. As visitas ocorreram em diferentes dias da semana, possibilitando observar as dinâmicas cotidianas da feira, os fluxos de pessoas, as relações de sociabilidade, os sons, os cheiros, os sabores e os elementos materiais que compõem a paisagem cultural do local.

Durante o trabalho in loco, utilizou-se a técnica da observação participante, permitindo maior aproximação com os comerciantes, consumidores e trabalhadores da

feira. Essa metodologia possibilitou compreender práticas cotidianas, experiências culturais e relações simbólicas presentes no espaço pesquisado. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a observação participante permite ao pesquisador interagir diretamente com o grupo social investigado, favorecendo a coleta de informações relacionadas às vivências e comportamentos observados no contexto estudado.

Além da observação participante, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com comerciantes da feira livre. As entrevistas ocorreram por meio de perguntas abertas, permitindo que os participantes relatassem suas experiências, percepções e sentimentos subjacentes ao Mercadinho. Foram selecionados cinco pontos de comércio distintos para a realização das entrevistas, envolvendo vendedores de hortifrutigranjeiros, temperos, artesanato, produtos alimentícios e utensílios domésticos. A escolha dos entrevistados procurou contemplar diferentes atividades econômicas presentes na feira livre, contribuindo para uma análise mais ampla da diversidade cultural existente no local.

As entrevistas permitiram identificar aspectos relacionados às práticas cotidianas dos feirantes, às relações de pertencimento, às experiências afetivas, às dificuldades enfrentadas no espaço de trabalho e aos significados atribuídos à feira enquanto espaço cultural e simbólico da cidade. Além disso, os relatos evidenciaram elementos sensoriais importantes para a construção da paisagem cultural, a exemplo dos sons, aromas, sabores e memórias associadas às experiências cotidianas do Mercadinho.

Também foram realizados registros fotográficos com o objetivo de documentar os elementos materiais e

simbólicos presentes na feira livre, incluindo barracas, produtos, circulação de pessoas, os circuitos dos repositores de mercadorias chamados de "estivadores" e os recortes de paisagens mais característicos do lugar (Figura 02). As fotografias auxiliaram na análise comparativa das informações obtidas em campo e contribuíram para a interpretação dos geossímbolos identificados durante a pesquisa.

Após a etapa de coleta de dados, as informações obtidas por meio das entrevistas, observações e registros fotográficos foram organizadas e analisadas à luz das discussões teóricas da Geografia Cultural e Humanista. A análise procurou compreender como os elementos sensoriais, as práticas sociais e os geossímbolos presentes na feira do Mercadinho participam da construção da identidade cultural de Imperatriz e das formas de pertencimento produzidas no espaço urbano.

4. Paisagem cultural e geossímbolos: a Feira do Mercadinho em Imperatriz

A feira livre Vicente Fitz, conhecida popularmente como "Mercadinho", localiza-se na área central de Imperatriz e constitui um dos principais espaços de circulação econômica, social e cultural da cidade. Reconhecida regionalmente pela diversidade de produtos e pela intensa movimentação cotidiana, a feira livre constitui referência histórica e simbólica para a população imperatrizense, expandindo sua influência para os municípios da região Tocantina do Maranhão.

Figura 02: Estivador transitando pela rua repleta por feirantes no Mercadinho, na cidade de Imperatriz-MA, em março de 2024



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2024.

A formação territorial do Mercadinho se relaciona ao processo de expansão urbana e econômica de Imperatriz, especialmente após a construção da rodovia Belém-Brasília, durante a década de 1960. A partir deste evento, houve o aumento do fluxo migratório para a cidade, resultando no crescimento populacional e no fortalecimento das atividades econômicas, sobretudo ligadas ao comércio, ampliando a circulação de mercadorias, pessoas e serviços. Nesse contexto, a feira do Mercadinho consolidou-se como um centro de abastecimento popular, tornando-se espaço fundamental para o comércio de produtos hortifrutigranjeiros, carnes, ervas medicinais, artesanato, especiarias e diversos outros produtos regionais (Figuras 03 e 04).

Figura 03: Loja de artesanato com vários cestos e bolsas no Mercadinho, na cidade de Imperatriz-MA, em março de 2024



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2024.

Além da função comercial, o Mercadinho constitui um espaço marcado por fortes relações de sociabilidade e pertencimento social. A dinâmica cotidiana da feira evidencia práticas culturais construídas historicamente por comerciantes, consumidores e trabalhadores que compartilham experiências, memórias e modos de vida associados ao espaço. As relações amiúde estabelecidas entre vendedores e clientes acabam por ultrapassar o caráter meramente econômico, revelando vínculos afetivos e formas de convivência próprias construídas ao longo do tempo.

O arranjo espacial particular do Mercadinho acaba por denotar uma paisagem cultural singularizada, imbuída por uma diversidade de elementos materiais e imateriais, podendo ser observados no local, horizontalmente. As

muitas barracas coloridas, os produtos da terra expostos, os sons das negociações, os aromas das especiarias e das comidas típicas, bem como a intensa circulação de pessoas, dos ligeiros "estivadores", compõem uma paisagem marcada por uma multiplicidade de sentidos, com forte carga simbólica. Com efeito, essas características transformam a feira em um lócus de experiências vividas que expressam aspectos significativos da cultura popular urbana de Imperatriz em sua relação direta com o universo rural.

Figura 04: Artesanato em barro do Mercadinho, em julho de 2024



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2024.

Os aspectos sensoriais identificados na feira do Mercadinho representam importantes dimensões da paisagem cultural analisada nesta pesquisa. Os sons produzidos pelos vendedores anunciando produtos, pelas

conversas entre frequentadores e pelo fluxo constante de pessoas criam uma identidade sonora característica do espaço. Da mesma forma, os aromas provenientes das frutas, ervas, temperos, alimentos típicos e produtos comercializados constituem referências olfativas que fortalecem as experiências de pertencimento e reconhecimento espacial (Figura 05).

Figura 05: Barracas da feira livre do Mercadinho, em julho de 2024



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro.

As experiências gustativas igualmente desempenham papel relevante na construção simbólica do Mercadinho. A comercialização de comidas típicas regionais, como panelada, chambari, tapioca, açaí e sucos naturais, reforça práticas culturais ligadas à alimentação e à identidade regional maranhense. O consumo desses alimentos no interior da feira ultrapassa a dimensão alimentar

e passa a integrar experiências culturais, ruralidades, regionalidades, compartilhadas coletivamente pelos frequentadores.

Desse modo, o Mercadinho pode ser compreendido como um importante espaço imerso em geossímbolos regionais. De acordo com Bonnemaison (2012), os geossímbolos correspondem a elementos espaciais carregados de significados para determinada coletividade. Na feira livre, esses símbolos manifestam-se por meio das barracas, práticas comerciais, redes de relações sociais, comidas típicas, dos sons, cheiros e das memórias construídas cotidianamente no espaço.

Os relatos dos comerciantes evidenciam a forte relação afetiva estabelecida com a feira. Muitos feirantes associam o Mercadinho não apenas ao sustento econômico, mas também à construção de trajetórias de vida, vínculos familiares e experiências de pertencimento. Em diferentes entrevistas realizadas durante a pesquisa, os comerciantes destacaram sentimentos de orgulho, identificação e apego ao espaço da feira, reconhecendo o local como parte importante da história de suas famílias e da própria cultura de Imperatriz. Uma entrevistada, proprietária de uma barraca de verduras e molho de pimenta ressaltou:

> "[o Mercadinho] é um ponto cultural para todos que vem visitar, tem gente que chega tirando foto, fazendo vídeos, conversando. Aqui você encontra de tudo. É um local único em Imperatriz"[1].

Apesar de sua relevância econômica e cultural, o estudo também identificou problemas estruturais

1 Entrevista concedida no mês de julho de 2024.

presentes no espaço da feira, especialmente relacionados à infraestrutura urbana, saneamento básico e organização espacial. A presença de esgoto a céu aberto, o acúmulo de resíduos e as dificuldades enfrentadas durante o período chuvoso foram apontados pelos comerciantes como desafios cotidianos que interferem diretamente nas condições de trabalho e circulação no local. Ainda assim, essas dificuldades não anulam o forte valor simbólico atribuído ao Mercadinho pelos sujeitos que vivenciam diariamente esse espaço.

Dessa forma, a feira livre Vicente Fitz constitui uma paisagem cultural marcada pela coexistência de práticas econômicas, relações sociais e experiências sensoriais que contribuem para a construção da identidade urbana de Imperatriz. O Mercadinho apresenta-se como espaço onde memória, cultura, trabalho e afetividade se articulam continuamente, revelando a importância das feiras livres enquanto espaços geossimbólicos e culturais no contexto das cidades brasileiras.

5. Considerações Finais

A presente pesquisa possibilitou compreender a Feira Livre Vicente Fitz, conhecida popularmente como "Mercadinho", como uma paisagem cultural marcada pela manifestação de geossímbolos típicos da cidade de Imperatriz. A partir das discussões construídas a propósito da Geografia Cultural, Humanista e Fenomenológica, foi possível analisar como as experiências, os elementos sensoriais e as relações sociais presentes na feira contribuem para a construção da paisagem e identidade cultural imperatrizense.

Os resultados obtidos revelaram que o Mercadinho ultrapassa sua função econômica e comercial, constituindo-se como espaço carregado de significados simbólicos, memórias coletivas e formas de pertencimento ao lugar. Os sons produzidos pelas negociações, os aromas das mercadorias e alimentos típicos, os sabores regionais, as cores das barracas e o burburinho cotidiano revelam uma paisagem marcada por múltiplas experiências sensoriais e culturais que fortalecem os vínculos entre os sujeitos e o espaço vivido.

A pesquisa também evidenciou que os geossímbolos presentes na feira são construídos tanto por elementos materiais quanto por traços imateriais. As barracas, os produtos regionais, as práticas comerciais, as conversas, os costumes e as relações afetivas estabelecidas entre comerciantes e consumidores representam manifestações culturais que expressam a dinâmica social e histórica do Mercadinho. Esses elementos reforçam a feira como espaço de memória, sociabilidade e resistência cultural no contexto urbano de Imperatriz.

As entrevistas realizadas no trabalho de campo revelaram o forte sentimento de pertencimento dos comerciantes em relação à feira livre. De acordo com um entrevistado, comerciante do Artesanato Canaã, a feira representa "[...] o nosso sustento. É daqui que coloco a comida na mesa. [...] Tenho amor, uma enorme paixão por esse lugar. Eu já cheguei na idade, mas não consigo ficar um dia longe"[2]. Dessa maneira, muitos feirantes associam o Mercadinho à própria trajetória de vida, ao sustento familiar e às experiências construídas ao longo dos anos naquele espaço. A feira aparece, assim, como lugar de trabalho, convivência, afetividade e continuidade das

2 Entrevista concedida no mês de julho de 2024.

tradições culturais locais. Além disso, observou-se que a feira livre desempenha importante papel na manutenção das práticas populares, funcionando como espaço democrático de circulação de saberes, trocas simbólicas e experiências coletivas. O Mercadinho representa um ambiente no qual diferentes grupos sociais compartilham vivências, fortalecendo a identidade cultural e regional da cidade.

Entretanto, a pesquisa também identificou desafios estruturais relacionados às condições físicas da feira, especialmente no que se refere ao saneamento básico, à infraestrutura urbana e à organização espacial do local. Problemas como esgoto a céu aberto, acúmulo de resíduos e dificuldades enfrentadas durante o período chuvoso foram frequentemente mencionados pelos comerciantes, evidenciando a necessidade de maior atenção do poder público para a valorização e preservação desse importante espaço cultural da cidade.

Dessa maneira, conclui-se que a feira livre do Mercadinho constitui um relevante patrimônio cultural e simbólico de Imperatriz, representando não apenas um espaço de comércio popular, mas também um lugar de memória, identidade e produção cultural. A análise da paisagem cultural e dos geossímbolos presentes na feira permitiu compreender como os elementos sensoriais, as práticas sociais e as experiências afetivas participam da construção das relações entre indivíduo e espaço imediato vivenciado.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre paisagem cultural e geossímbolos, além de incentivar novas pesquisas voltadas à valorização das feiras livres enquanto espaços fundamentais da cultura popular brasileira e das experiências cotidianas presentes nas cidades médias amazônicas e maranhenses.

Referências

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 84-91.

BONAMICHI, Natália C. **Feiras livres:** um breve estudo sobre tradição urbana, sociabilidade e resistência na cidade do Rio de Janeiro. 2013. 36 f. Monografia (Especialização em Política e Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia cultural:** uma antologia (vol. I). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. p. 279-304.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural.** 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro. EDIUERJ: 1998. p. 92- 123.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

TORRES, Marcos Alberto. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 1, p. 146-160, 2018.

Lucas Mikael da Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

04

Paisagem cultural e temporalidades urbanas em Imperatriz-MA: técnica, memória e identidade na Avenida XV de novembro

PAISAGEM CULTURAL E TEMPORALIDADES URBANAS EM IMPERATRIZ-MA: TÉCNICA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA AVENIDA XV DE NOVEMBRO

Resumo

O presente estudo analisa a paisagem cultural da Avenida XV de Novembro, em Imperatriz-MA, a partir da Geografia Cultural e das reflexões de Milton Santos sobre técnica, tempo e espaço geográfico. A pesquisa utilizou revisão bibliográfica, levantamento documental, observações de campo, registros fotográficos e análise das dinâmicas espaciais. Os resultados evidenciam a coexistência de diferentes temporalidades na paisagem urbana, marcada pela presença de construções históricas e edificações modernas, revelando transformações urbanas, preservação da memória coletiva e construção da identidade cultural local. Assim, o estudo reafirma a paisagem como expressão material e simbólica das relações entre sociedade, cultura e espaço.

Palavras-chave: Paisagem cultural; Técnica; Temporalidade urbana; Geografia Cultural; Imperatriz-MA.

CULTURAL LANDSCAPE AND URBAN TEMPORALITIES IN IMPERATRIZ-MA: TECHNIQUE, MEMORY, AND IDENTITY ON XV DE NOVEMBRO AVENUE

Abstract

This study analyzes the cultural landscape of Avenida XV de Novembro, in Imperatriz-MA, based on Cultural Geography and Milton Santos' reflections on technique, time, and geographic space. The research employed a bibliographic review, documentary survey, field observations, photographic records, and analysis of local spatial dynamics. The results reveal the coexistence of different temporalities within the urban landscape, marked by the presence of historical buildings alongside modern constructions, reflecting urban transformations, the preservation of collective memory, and the construction of local cultural identity. Thus, the study reaffirms the landscape as a material and symbolic expression of the relationships between society, culture, and space.

Keywords: Cultural landscape; Technique; Urban temporality; Cultural Geography; Imperatriz-MA.

1. Introdução

A paisagem constitui um dos conceitos centrais da Geografia e, ao longo do desenvolvimento dessa ciência, passou por diferentes interpretações teóricas e metodológicas. Inicialmente associada apenas aos aspectos visíveis do espaço, a paisagem era compreendida como resultado das formas naturais observáveis na superfície terrestre. Com o avanço das discussões da Geografia Humana e Cultural, esse conceito passou a incorporar dimensões simbólicas, históricas e sociais, permitindo compreender o espaço não apenas como forma material, mas também como expressão das experiências humanas e das relações culturais construídas no decorrer do tempo.

Nesse contexto, na primeira metade do século XX, Carl Sauer (1998) destacava que a paisagem cultural resultava da ação humana sobre a natureza, dentro de um processo morfológico estabelecido pelos diferentes grupos sociais através de suas práticas, técnicas e modos de vida. Para o geógrafo da Escola de Berkeley, a cultura atua como agente transformador da paisagem, deixando marcas materiais que expressam os processos históricos de ocupação e organização do espaço (Sauer, 1998). Essa perspectiva contribuiu significativamente para a afirmação da Geografia Cultural, especialmente ao considerar os elementos materiais da paisagem, com alguns aspectos simbólicos.

Mais recentemente, após a década de 1970, as discussões acerca da paisagem foram ampliadas na nascente Nova Geografia Cultural. Um dos expoentes desta corrente foi Denis Cosgrove, que relacionava a paisagem às formas pelas quais os indivíduos percebem, interpretam

e organizam o mundo ao seu redor. Segundo Cosgrove (1998), a paisagem representa uma maneira culturalmente construída de ver o espaço, a partir de valores, símbolos e significados produzidos historicamente pelas sociedades. Desse modo, a paisagem deixa de ser entendida apenas como cenário material e passa a ser analisada como manifestação das relações sociais, econômicas e culturais presentes no espaço geográfico.

De modo semelhante, o geógrafo francês Augustin Berque compreende a paisagem como marca e matriz das sociedades. Para Berque, ela expressa uma determinada civilização ao mesmo tempo em que influencia as formas de percepção e ação dos indivíduos sobre o meio (Berque, 1998). Desse modo, a paisagem cultural torna-se um importante elemento de identidade coletiva, memória e pertencimento, sobretudo em cidades marcadas por intensas transformações em suas fisionomias urbanas.

No campo da Geografia brasileira, as contribuições de Milton Santos são fundamentais para compreender as relações entre técnica, tempo e espaço geográfico. Embora não esteja diretamente vinculado à Geografia Humanista, o autor desenvolveu importantes reflexões sobre os processos de formação espacial e sobre a coexistência de diferentes temporalidades no espaço urbano. Para Santos (1997), o espaço geográfico é constituído por objetos técnicos que revelam distintos momentos históricos e diferentes formas de organização social. Com efeito, as técnicas não representam apenas instrumentos materiais, mas também expressam interesses econômicos, políticos e culturais que atuam continuamente na produção do espaço.

Ao discutir a empirização do tempo, Santos (1997b) afirma que as técnicas permitem compreender como

diferentes períodos históricos coexistem no mesmo espaço, produzindo paisagens marcadas por permanências e mudanças. Essa interpretação possibilita analisar as cidades contemporâneas como espaços onde estruturas antigas convivem com formas modernas de urbanização, revelando múltiplas temporalidades materializadas na paisagem urbana.

A cidade de Imperatriz, no Sudoeste do Maranhão, apresenta características relevantes para esse tipo de análise, sobretudo por possuir áreas urbanas nas quais elementos históricos coexistem com processos recentes de modernização. Entre esses espaços, destaca-se a Avenida XV de Novembro, considerada uma das vias mais antigas da cidade e importante marco histórico do processo de formação urbana local. Ao longo de sua trajetória, a avenida passou por diversas transformações espaciais, econômicas e culturais, preservando edificações, práticas sociais e referências simbólicas que contribuem para a compreensão de parte da identidade de Imperatriz.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a paisagem cultural da Av. XV de Novembro a partir das contribuições da Geografia Cultural e das reflexões sobre técnica e temporalidade propostas por Milton Santos. Procura-se compreender como os diferentes períodos técnicos permanecem materializados na paisagem urbana por meio das edificações, espaços religiosos, atividades comerciais e práticas sociais que compõem o cotidiano da área estudada, evidenciando as relações entre memória, cultura, tempo e espaço na transformação da paisagem.

2. Paisagem cultural, técnica e temporalidade na análise do espaço urbano

As discussões acerca da paisagem cultural ganharam maior relevância no campo da Geografia a partir do momento em que o espaço deixou de ser interpretado apenas como um conjunto de elementos visíveis e passou a ser compreendido como resultado das relações históricas, sociais e culturais produzidas pela ação humana. Nesse processo, a paisagem passou a representar não somente aquilo que se observa materialmente, mas também os significados, símbolos e memórias construídos pelas sociedades no decorrer do tempo.

No âmbito da Geografia Cultural, Carl Sauer foi um expoente e um dos principais responsáveis pela consolidação das análises da paisagem enquanto representação da cultura. Para Sauer (1998), a paisagem cultural é resultado da transformação da paisagem natural pela ação humana, sendo produzida por meio das técnicas, dos hábitos e das práticas desenvolvidas por diferentes grupos sociais. A cultura, nesse sentido, atua como meio transformador da paisagem, da sua morfologia, deixando marcas que revelam os processos históricos de ocupação e apropriação do território (Sauer, 1998).

Ao discutir a relação entre cultura e paisagem, Sauer (1998) ressalta que os elementos materiais presentes no espaço não surgem de forma isolada, mas são construídos socialmente ao longo do tempo e a partir das necessidades e experiências humanas. Desse modo, edificações, ruas, igrejas, mercados e demais formas não obras do acaso, mas sim objetos culturais que carregam valores históricos e identitários. A paisagem urbana torna-se, portanto, um registro das transformações sociais ocorridas em

diferentes períodos históricos e a partir de variadas matrizes de cultura.

Conforme dito, as contribuições do geógrafo Denis Cosgrove ampliaram essa interpretação ao compreender a paisagem como uma forma de representação cultural do mundo. As paisagens do cotidiano "[...] agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente" (Cosgrove, 1998, p. 99). Expressam uma maneira específica de perceber e interpretar o espaço, estando diretamente associadas às experiências sociais e às relações de poder existentes em cada sociedade. Desse modo, a paisagem não deve ser entendida apenas como cenário, mas como construção simbólica permeada por significados culturais e forças contrárias.

Dentro destes preceitos, a paisagem urbana revela aspectos preciosos sobre o cotidiano, sobre as experiências vividas, e demais relações construídas entre os indivíduos e o espaço vivido. Nesse sentido, os espaços públicos, as formas diversas, os centros urbanos e as periferias, além dos lugares de memória, tornam-se elementos paisagísticos fundamentais para compreender os vínculos culturais e afetivos existentes entre os indivíduos e a cidade. A paisagem passa a ser vista como manifestação concreta das experiências humanas e das múltiplas temporalidades presentes no espaço geográfico.

Conforme observado, essa compreensão da paisagem também se encontra nas reflexões do geógrafo Augustin Berque, ao afirmar que a paisagem é simultaneamente marca e matriz da cultura. Para Berque (1998), como marca, a paisagem expressa os modos de vida e os valores culturais de uma civilização, e, ao mesmo tempo, como matriz ou cultura, participa das formas e ações pelas quais os indivíduos percebem e organizam o espaço. A

paisagem, portanto, participa ativamente da construção das matrizes e das marcas construídas pelas identidades coletivas em seus espaços de interação social.

Milton Santos (1997), por sua vez, compreendeu o espaço geográfico como um conjunto de objetos técnicos que refletem distintos períodos históricos e, por conseguinte, diferentes formas de organização social. Na sua ótica, a partir de objetos materializados na paisagem, torna-se possível identificar as transformações ocorridas na dinâmica espacial ao longo do tempo. Contudo, "a paisagem nada tem de fixo, de móvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmo e intensidade" (Santos, 1997, p. 37).

Ao abordar a questão da técnica, Santos (1997b) destaca que ela não deve ser compreendida apenas como instrumento material ou tecnológico, mas como elemento que comporta intencionalidades específicas na produção do espaço. As técnicas representam formas de ação social, cultural e econômica que influenciam o arranjo espacial. Desse modo, cada período histórico produz objetos técnicos que coexistem com outros de tempos pretéritos, estando inscritos na paisagem do presente, revelando uma coexistência de diferentes temporalidades em um mesmo recorte espacial.

A análise sobre esses períodos no espaço pode-se ser realizada a partir da "empirização do tempo" desenvolvida pelo próprio Santos (1997), que contribui significativamente para a análise do espaço, e, assim, das cidades em suas coexistências. De acordo com o geógrafo, o espaço contém tempos históricos distintos que se manifestam através das diferentes formas urbanas, infraestruturas e das práticas sociais de tempos distintos

no cotidiano. Assim, edificações antigas, mercados tradicionais, igrejas históricas e construções modernas coexistem na paisagem urbana, revelando permanências e mudanças produzidas pelos diferentes processos de urbanização de uma cidade.

No caso de Imperatriz, essas múltiplas temporalidades se tornam mais perceptíveis no sítio urbano original da cidade, marcado por fragmentos de tempos passados que permanecem na paisagem coexistindo com objetos recentes da modernização em curso. A Av. XV de Novembro, paralela ao rio Tocantins, considerada a primeira rua da cidade, apresenta diferentes objetos espaciais que evidenciam marcas do passado e do presente, que evidenciam transformações espaciais ocorridas desde o processo inicial de ocupação urbana até às dinâmicas atuais de verticalização e expansão urbana.

Em face deste processo, percebe-se que o estudo da paisagem cultural no transcorrer do tempo permite compreender os processos engendrados por determinadas técnicas, objetos e práticas sociais, que também perfazem parte da identidade e da memória de Imperatriz. A paisagem da cidade deixa de ser apenas uma composição visual e passa a representar um importante documento histórico e cultural, portador de mensagens que revelam as relações estabelecidas entre sociedade e o espaço no transcurso do tempo.

3. Metodologia

O estudo desenvolvido tem como premissa uma abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos da chamada Geografia Cultural e Humanista, centrando-

se em analisar a relação entre paisagem, técnica, memória e espaço urbano, a partir do caso de Imperatriz. A escolha dessa perspectiva teórico-metodológica ocorreu pela necessidade de se analisar os sentidos e significados presentes na paisagem da Av. XV de Novembro, localizada no sítio urbano original de Imperatriz, junto ao rio Tocantins, apreendendo desde os traços materiais até os simbólicos-imateriais construídos no bojo do processo de formação da cidade maranhense.

Inicialmente, realizou-se levantamento bibliográfico com o objetivo de aprofundar as discussões relacionadas aos conceitos de paisagem cultural, técnica, temporalidade e espaço geográfico. Para isso, foram utilizados livros, capítulos de livros, dissertações e artigos científicos que abordam a Geografia Cultural em suas interpretações sobre paisagem desenvolvidas por autores consagrados, como Carl Sauer, Denis Cosgrove e Augustin Berque, além de Milton Santos dentro de uma perspectiva da produção do espaço. As contribuições desses geógrafos foram fundamentais para a apreensão da paisagem enquanto expressão histórica e cultural das relações construídas entre sociedade e espaço.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizado levantamento documental em fontes históricas e arquivos digitais, especialmente no acervo do Museu Virtual de Imperatriz, utilizado para obtenção de fotografias antigas, dados e informações relacionadas ao processo de urbanização da Av. XV de Novembro. Adoção desse procedimento permitiu estabelecer comparações entre diferentes períodos históricos da paisagem urbana, identificando permanências e transformações espaciais ocorridas no decorrer do tempo.

A etapa metodológica de campo constituiu parte

essencial da pesquisa. Foram realizadas visitas à Av. XV de Novembro e ao bairro Beira Rio e entorno espacial, recorte espacial escolhido por concentrar importantes elementos históricos e culturais da cidade. Durante as atividades in loco, foram realizadas observações diretas da paisagem, com registros fotográficos e anotações referentes às formas urbanas, aos espaços religiosos, aos estabelecimentos comerciais, às áreas de convivência e às edificações históricas presentes no local.

As observações também buscaram compreender as dinâmicas sociais existentes na avenida, considerando as práticas cotidianas, os usos do espaço urbano e as relações estabelecidas entre os moradores, comerciantes e frequentadores da área de estudo. Para complementar as informações obtidas, foram realizadas conversas informais com moradores mais antigos e trabalhadores locais, permitindo identificar aspectos históricos e culturais relacionados à formação da avenida e às transformações ocorridas na paisagem urbana, sobretudo ao longo das últimas décadas.

Os registros fotográficos produzidos tiveram papel importante na análise comparativa da paisagem da cidade, permitindo identificar a coexistência de diferentes temporalidades no espaço. As imagens recentes foram analisadas em conjunto com fotografias mais antigas, permitindo compreender como os meios técnicos influenciaram as mudanças na configuração espacial da avenida, especialmente no que se refere à permanência de construções antigas e ao surgimento de edificações modernas (Figura 01).

Figura 01: Fachada de residência do início do século XX na Av. XV de Novembro, julho de 2025, com placa de "Vende-se", indicativo da especulação imobiliária na via pública



Fonte: Arquivo dos autores do capítulo de livro, 2025.

Posteriormente, os dados obtidos nas etapas bibliográfica, documental e de campo foram organizados e analisados à luz das discussões da Geografia Cultural e das reflexões sobre técnica e tempo propostas por Milton Santos (1997). A análise buscou interpretar como os objetos culturais presentes na Avenida XV de Novembro expressam diferentes períodos técnicos e revelam aspectos da identidade cultural e da memória urbana de Imperatriz.

4. Transformações urbanas e permanências históricas na paisagem cultural da Av. XV de Novembro

A análise da paisagem cultural da Avenida XV de Novembro, localizada na área original de Imperatriz,

possibilitou identificar a coexistência de diferentes temporalidades materializadas no espaço urbano por meio da análise de formas espaciais, templos religiosos, casas comerciais e das transformações ocorridas dentro do processo de urbanização da cidade. A avenida, tida como a primeira via pública de Imperatriz, revela importantes elementos históricos que permitem compreender a paisagem no âmbito da relação entre técnica, memória e identidade cultural.

Os resultados obtidos a partir das observações de campo e da análise documental evidenciaram que a avenida permanece como um espaço de forte significado histórico e cultural para Imperatriz. Sua origem remonta ainda ao século XIX, período inicial do processo de formação territorial de Imperatriz, quando ainda era conhecida como Rua Grande. Desde então, a avenida passou por diversas mudanças espaciais subjacentes às etapas de crescimento urbano e econômico da cidade, sem, no entanto, apagar por completo os vestígios de tempos anteriores, embora as descaracterizações sejam evidentes.

A comparação entre fotografias históricas e registros atuais revelou mudanças significativas na configuração da paisagem urbana. Enquanto as imagens antigas demonstram uma avenida marcada por edificações térreas e intensa circulação de moradores e comerciantes locais, os registros contemporâneos evidenciam a presença de novas estruturas, como edifícios residenciais, estabelecimentos comerciais modernizados e alterações na dinâmica do uso e ocupação do espaço (Figuras 02 e 03). Essas mudanças expressam a atuação dos meios técnicos discutidos por Milton Santos, sobretudo no contexto do meio técnico-científico-informacional, no qual as

cidades passam a incorporar novos usos, fixos, redes e fluxos espaciais subjacentes a fluidez contemporânea que redefinem os arranjos dos territórios (Santos, 1997).

Apesar das transformações em curso, a pesquisa constatou a permanência de objetos culturais singulares na Av. XV de Novembro, que preservam aspectos da memória coletiva da cidade. Dentre esses destacam-se residências antigas de porta e janela em contato direto com a via pública, além de igrejas, mercados e praças arborizadas que permanecem na paisagem da avenida mesmo diante dos avanços das descaracterizações ocasionadas pelo processo de modernização. Esses recortes de paisagem representam diferentes períodos e demonstram como traços do passado permanecem, materializados no complexo espaço de Imperatriz, marcado sobremaneira por um desordenamento urbano-territorial-ambiental.

Figura 02: Paisagem da então Rua XV de Novembro, na década de 1960, na cidade de Imperatriz



Fonte: Museu Virtual Imperatriz – MA, acesso em julho de 2025 (https://museu-virtual.blogspot.com/).

As residências antigas observadas, de porta e janela,

telhado agudo, em contato direto com a via pública, apresentam características arquitetônicas associadas às primeiras fases de ocupação urbana de Imperatriz. Muitas dessas construções mantiveram fachadas simples, estruturas térreas e materiais de construção tradicionais, contrastando com edificações recentes de arquitetura moderna. A coexistência entre antigas moradias e novos empreendimentos imobiliários evidencia a sobreposição de temporalidades no espaço urbano e reforça a ideia de que a paisagem é resultado de sucessivas transformações históricas.

No campo religioso, as presenças da Paróquia de Santa Teresa D'Ávila e da Capelinha do Bom Jesus demonstram a importância da religiosidade no processo de formação da via pública e própria cidade. Esses espaços relativos ao sagrado constituem importantes referências simbólicas e culturais para a população local, além de representarem elementos fundamentais da identidade de Imperatriz. A permanência dessas edificações na paisagem reforça a relação entre o sagrado e a memória coletiva, afora ao sentido de preservação histórica e cultural (Figuras 04 e 05).

Figura 03: Paisagem da Avenida XV de Novembro, na cidade de Imperatriz-MA, em agosto de 2025



Fonte: Arquivo dos autores do capítulo de livro, 2025.

Outro elemento de destaque identificado na pesquisa foi o Mercado Municipal Bom Jesus, considerado um dos espaços mais tradicionais da cidade. O mercado restaurado na década de 1970 permanece como um reduto de sociabilidade, de circulação de pessoas e desenvolvimento de atividades comerciais, sobretudo relacionadas à alimentação. Mesmo após reformas estruturais e mudanças sofridas ao longo das últimas décadas, o espaço ainda conserva características culturais importantes, revelando práticas sociais que permanecem presentes no cotidiano da população (Figuras 06 e 07).

Figura 04: Paróquia de Santa Teresa D'Ávila,
na Av. XV de Novembro, na cidade de Imperatriz-MA



Fonte: Arquivo dos autores do capítulo de livro, 2025.

As observações de campo também permitiram identificar o avanço do processo de verticalização em alguns trechos da Av. XV de Novembro. A construção de edifícios residenciais com mais de cinco (05) pavimentos,

alguns passando de 15 andares, e a emergência de novos empreendimentos comerciais evidenciam as transformações recentes na via pública que, cada vez mais, materializa os vetores de expansão econômica e de crescimento urbano de Imperatriz. Essas mudanças alteram paulatinamente a paisagem da via, introduzindo novos objetos, novas formas e novos usos no espaço urbano.

Contudo, os resultados revelam que a modernização em curso não ocorre de maneira homogênea. Nem tudo foi capturado ou modificado na avenida. Em diferentes pontos da via, construções remanescentes dividem espaço com objetos mais recentes, produzindo uma paisagem marcada por uma diversidade de formas e de tempos históricos. A coexistência espacial evidencia a permanência de traços culturais e históricos constituidores da cidade, mesmo em face às mudanças mais constantes nas últimas duas décadas.

Figura 05: Capelinha do Bom Jesus, na Av. XV de Novembro, na cidade de Imperatriz-MA



Fonte: Arquivo dos autores do capítulo de livro, 2025.

A pesquisa também identificou que os espaços públicos presentes na avenida, como praças, mercados e áreas de convivência (como o canteiro central da via),

continuam a desempenhar importante função social e cultural na cidade. Esses espaços favorecem encontros, experiências vividas e manifestações de cultura que fortalecem os vínculos dos citadinos com o espaço urbano. Desse modo, a paisagem cultural da Av. XV de Novembro ultrapassa a mera dimensão material, constituindo-se, igualmente, como espaço de memória, experiências diversas e representações identitárias coletivas.

Dessa forma, os resultados obtidos evidenciam que a Av. XV de Novembro representa um importante recorte da dinâmica histórica e cultural de Imperatriz, permitindo compreender como diferentes períodos técnicos permanecem inscritos na paisagem urbana, não obstante o processo acentuado de descaracterização na via nas últimas décadas. As permanências e transformações observadas ao longo da avenida demonstram que o espaço urbano é resultado de processos históricos contínuos e acumulativos, nos quais técnica, sociedade e cultura se articulam na produção de recortes de paisagens atuais.

Figura 06: Paisagem da década de 1960 do Mercado Municipal Bom Jesus, na Avenida XV de Novembro, na cidade de Imperatriz-MA



Fonte: Museu Virtual Imperatriz – MA, acesso em julho de 2025 (https://museu-virtual.blogspot.com/).

5. Considerações finais

A pesquisa desenvolvida possibilitou compreender como a paisagem cultural da Av. XV de Novembro, localizada em Imperatriz, expressa diferentes temporalidades e formas de organização espacial produzidas ao longo do desenvolvimento urbano da cidade. A análise realizada demonstrou que a paisagem urbana não se constitui apenas como um conjunto de formas materiais, mas como resultado das relações históricas, sociais, simbólicas e técnicas estabelecidas entre a sociedade e o espaço geográfico.

Figura 07: Mercado Municipal do Bom Jesus,
na Av. XV de Novembro, na cidade de Imperatriz-MA



Fonte: Arquivo dos autores do capítulo de livro, 2025.

A partir das contribuições teóricas da Geografia Cultural sobre paisagem cultural e das reflexões de Milton Santos sobre técnica e tempo, foi possível identificar a permanência de diferentes períodos técnicos

materializados na paisagem da avenida. Elementos como residências antigas, igrejas, praças, mercados e edificações modernas revelam a coexistência entre passado e presente, evidenciando que o espaço urbano é continuamente transformado sem, contudo, eliminar na totalidade os vestígios históricos anteriormente produzidos.

As percepções construídas durante as observações de campo mostraram que a Av. XV de Novembro permanece como uma via pública singular enquanto espaço de memória e identidade cultural para a cidade de Imperatriz. Mesmo diante do avanço da urbanização e das transformações associadas à modernização, ainda permanecem na paisagem da avenida, elementos que preservam, aqui e acolá, aspectos históricos significativos da formação territorial da cidade. Esses traços preservados colaboram para manutenção da memória e fortalecimento de vínculos culturais dos citadinos com o sítio original da cidade.

Além desses aspectos, a pesquisa evidenciou que os processos de modernização presentes na avenida ocorrem de maneira desigual, produzindo uma paisagem marcada pela diversidade de apropriações, formas e usos do espaço. A verticalização e o surgimento de novos empreendimentos com status socioeconômico elevado coexistem com construções tradicionais e práticas históricas, demonstrando que diferentes temporalidades compartilham o mesmo espaço urbano (Figura 08).

Figura 08: Edifício Mirantes do Rio, Avenida XV de Novembro, na cidade de Imperatriz-MA, em julho de 2025



Fonte: Arquivo dos autores do capítulo de livro, 2025.

Outro aspecto importante identificado refere-se ao papel dos espaços públicos e religiosos na construção da identidade cultural local. Lugares como o Mercado Municipal Bom Jesus, a Paróquia Santa Teresa D'Ávila e Praça do Marco Zero (Praça da Meteorologia), representam significativas referências simbólico-materiais para os citadinos, exercendo também as funções de espaços de convivência, de memória e experiências com o sagrado (casos da Capelinha Bom Jesus e da Paróquia Santa Teresa D'Ávila).

Dessa maneira, conclui-se que a paisagem cultural da Av. XV de Novembro constitui um importante patrimônio histórico e cultural de Imperatriz, não obstante as recentes mudanças ocorridas ao longo do tempo. O estudo reafirma a importância da análise da paisagem direcionada à compreensão das transformações e permanências no espaço, envolvendo a sobreposição de

técnicas, memórias, modos de vida e formas simbólicas, contribuindo para reflexões sobre identidade cultural e preservação histórica no âmbito da cidade, no caso de um espaço urbano situado na Amazônia Oriental.

À guisa de nota final, espera-se que esta pesquisa esboçada possa contribuir para estudos vindouros sobre paisagem cultural e memória na cidade de Imperatriz, além de incentivar investigações acerca das transformações urbanas e processos culturais que resistem às mudanças aceleradas nas cidades médias brasileiras.

Referências

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 84-91.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-123.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

IBGE. **Cidades e Estados:** Imperatriz. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/imperatriz.html>. Acesso em: 12 maio 2026.

MUSEU VIRTUAL DE IMPERATRIZ – MA. **Acervo**

fotográfico histórico da Avenida XV de Novembro e do Mercado Municipal Bom Jesus. Imperatriz, 2025. Disponível em: <https://www.museuvirtualimperatriz.com>. Acesso em: 12 maio 2026.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 12-74.

Lidiene Rodrigues Silva
Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

05

Saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu: representações culturais e geograficidades no município de Imperatriz-MA

SABERES E PERCEPÇÕES AMBIENTAIS DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E GEOGRAFICIDADES NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ-MA

Resumo

O presente capítulo analisa a cultura no município de Imperatriz, Maranhão, a partir dos saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu em Coquelândia e Vila Conceição I. Fundamentado na Geografia Cultural e na Fenomenologia, o estudo possui abordagem qualitativa, utilizando levantamento bibliográfico, observações de campo e entrevistas. Os resultados evidenciam que os saberes das quebradeiras são transmitidos entre gerações, constituindo importantes representações culturais do território. O trabalho com o babaçu revela formas de pertencimento e simbolização do espaço vivido. Elementos como o machado, o balaio, o pilão e as cantigas configuram-se como expressões culturais presentes na paisagem e na memória coletiva. Observou-se ainda o enfraquecimento da atividade diante das transformações socioeconômicas contemporâneas.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Quebradeiras de Coco Babaçu; Percepção Ambiental; Cultura; Território; Imperatriz-MA

KNOWLEDGE AND ENVIRONMENTAL PERCEPTIONS OF BABAÇU COCONUT BREAKERS: CULTURAL REPRESENTATIONS AND GEOGRAPHICITIES IN THE MUNICIPALITY OF IMPERATRIZ-MA

Abstract

This chapter analyzes the culture of the municipality of Imperatriz, Maranhão, through the knowledge and environmental perceptions of babaçu coconut breakers in Coquelândia and Vila Conceição I. Grounded in Cultural Geography and Phenomenology, the study adopts a qualitative approach, using bibliographic research, field observations, and interviews. The results show that the breakers' knowledge is passed down through generations, constituting important cultural representations of the territory. Working with babaçu reveals forms of belonging and symbolic meanings associated with lived space. Elements such as the axe, basket, mortar, and traditional songs are configured as cultural expressions present in the landscape and collective memory. The study also observed the weakening of this activity in the face of contemporary socioeconomic transformations.

Keywords: Cultural Geography; Babaçu Coconut Breakers; Environmental Perception; Culture; Territory; Imperatriz-MA.

1. Introdução

A cultura constitui-se como uma dimensão fundamental para a compreensão das relações estabelecidas entre os sujeitos e o espaço geográfico, especialmente quando analisada a partir das experiências vividas, dos saberes-fazeres populares e, por conseguinte, das práticas construídas historicamente pelos grupos sociais. Nesses termos, a Nova Geografia Cultural busca apreender os significados produzidos pelos indivíduos em sua relação com o lugar, na condição de espaço vivido e sentido, sem olvidar o papel das paisagens, dos símbolos e dos modos de vida distintos que acabam por expressar identidades e formas particulares de existência no território. Conforme afirma Paul Claval (2001), a cultura manifesta-se através destas perspectivas, mas sempre a partir das experiências, das representações e dos sentidos atribuídos pelos sujeitos aos espaços que habitam.

No caso do estado do Maranhão, as comunidades tradicionais das quebradeiras de coco babaçu representam um dos grupos sociais mais significativos na construção histórica de práticas culturais ligadas ao extrativismo vegetal. Além do importante papel econômico e social, essas mulheres carregam conhecimentos transmitidos entre gerações, construídos a partir da convivência cotidiana entre elas, e destas com o meio natural circundante, afora das experiências vividas no âmbito do território existencial. Por conseguinte, o trabalho com o babaçu perpassa a dimensão produtiva, ele abrange afetividade, memória, pertencimento e formas simbólicas, envolvendo a relação de mulheres com a natureza imediatamente vivenciada.

No município de Imperatriz, nos povoados de Coquelândia e Vila Conceição I (Figura 01), as práticas

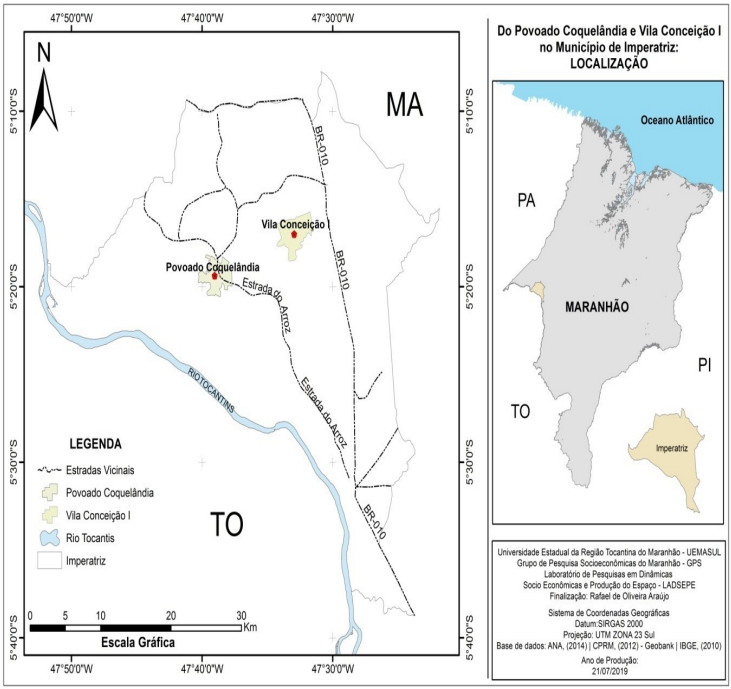
das quebradeiras de coco revelam traços culturais que expressam a identidade local e a relação histórica e amiúde entre essa organização comunitária e natureza. As ferramentas de trabalho, as cantigas entoadas, os modos próprios de falar, os saberes ancestrais sobre o tempo da colheita, a produção artesanal do azeite e do carvão, bem como as experiências vividas e compartilhadas nos encontros coletivos, constituem manifestações culturais materializadas e imaterializadas na paisagem e no cotidiano dessas comunidades.

Sob esse ângulo, torna-se necessário compreender o espaço não apenas como dimensão física, mas como espaço vivido, carregado de significados e experiências humanas. Para Yi-Fu Tuan (2012), a relação afetiva construída entre o indivíduo e o lugar acaba produzindo sentimentos de pertencimento e identidade, experiência vivida ou elo afetivo denominado por ele como "topofilia". Desse modo, os sujeitos atribuem sentidos e significados diversos aos espaços por meio de suas vivências, memórias e relações interpessoais construídas no decorrer do tempo.

À luz destes postulados da Geografia Humanista-Cultural, com base na Fenomenologia, no estudo ora apresentado considera-se a experiência vivida como elemento central para a interpretação das relações culturais no espaço geográfico, e neste caso, no território vivido das mulheres quebradeiras de coco do município de Imperatriz. No dizer de Buttimer (1982), a Fenomenologia permite apreender os significados produzidos pelos indivíduos em suas práticas cotidianas, valorizando as experiências no mundo vivido em diferentes escalas concêntricas de pertencimento. Assim, para a geógrafa, "a experiência vivida envolve mais do que compreensão cognitiva e têm explorado a vasta variedade de bases

pré-conscientes, orgânicas e sensoriais, que precedem o conhecimento intelectual" (Buttimer, 1982, p. 172).

Figura 01: Localização de Coquelândia e Vila Conceição I no município de Imperatriz-MA



Fonte: Adaptado pelas autoras do capítulo de livro, 2019.

Ancorado nesta filosofia do significado, este estudo tem como objetivo analisar o universo vivido das quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz a partir da análise fenomenológica dos saberes-fazeres e das percepções ambientais das mulheres extrativistas, em especial as dos povoados de Coquelândia e Vila Conceição

I. Busca-se, portanto, analisar como essas mulheres reproduzem manifestações de cultura a partir de suas experiências vividas, identificando práticas e símbolos, e descrevendo seus territoriais afetivos delimitado em suas atividades cotidianas que envolvem relações de trabalho, parentesco, vizinhança, compadrio, cultura e natureza.

Ademais, o estudo contribui para dar visibilidade, valorizar saberes tradicionais e dar o devido reconhecimento às quebradeiras de coco na condição de agentes produtores de território, cultura, memória e identidade cultural. As práticas destas mulheres também constituem resistências espaciais, territorialidades de modos de vida tradicionais, em face a um contexto marcado por mudanças de ordem global, que tendem a homogeneizar hábitos e costumes mediante aos novos modelos de comportamento e de consumo. Nesse sentido, discutir os saberes tradicionais destas mulheres nos seus territórios, apresenta-se também como uma forma de preservar patrimônios culturais, dando a visibilidade necessários a estes grupos historicamente vinculados ao processo de ocupação do território maranhense.

2. Geografia Cultural, Fenomenologia e percepção ambiental: fundamentos teóricos para a compreensão do espaço vivido

A compreensão das relações construídas entre os sujeitos e o espaço vivido exige uma análise que ultrapasse os aspectos meramente físicos da paisagem, incorporando elementos imateriais, ou seja, os sentidos, significados, experiências e representações reproduzidas no território. Com efeito, a Geografia Cultural emerge como importante

vertente teórica para interpretar os modos pelos quais os grupos sociais atribuem subjetividades aos espaços vividos, constroem identidades e manifestam suas práticas culturais.

A Geografia Cultural consolidou-se a partir da necessidade de compreender a cultura como conjunto de significados compartilhados expressos nas práticas sociais de um lugar. Logo, essa corrente tem como foco a cultura e a interpretação de padrões de significados na paisagem (Almeida, 2008). Desse modo, a Geografia Cultural analisa os traços simbólicos presentes na relação entre sociedade e natureza, considerando dimensão cultural como fundamental no espaço, estando imbuída de (i)materialidades diversas. Doravante, o arranjo espacial deixa de ser visto apenas como estrutura física e passa a ser apreendido como uma série de construções sociais carregadas de valores, crenças, memórias e experiências coletivas.

No bojo deste contexto, as manifestações culturais constituem importantes formas de representação do espaço vivido. Os modos de trabalhar, falar, produzir, celebrar e se relacionar com a natureza revelam experiências construídas historicamente pelos sujeitos em seus territórios. As paisagens culturais, portanto, expressam não apenas transformações materiais no espaço, mas também dimensões simbólicas que refletem o cotidiano e a identidade dos grupos sociais, como no caso das mulheres quebradeiras de coco de Imperatriz.

A partir dessa perspectiva, a Geografia Humanista-Cultural contribui para ampliar a compreensão do espaço enquanto experiência vivida, buscando valorizar os sentimentos, as percepções e os vínculos afetivos desenvolvidos pelos indivíduos em relação aos lugares.

Na ótica de Yi-Fu Tuan (2012), o espaço transforma-se em lugar quando passa a adquirir significado para o sujeito por meio das vivências e experiências vividas. Assim, o lugar deixa de ser apenas localização geográfica e passa a representar pertencimento, memória e identidade.

Dentro desta abordagem humanística, destaca-se o conceito de "topofilia", cunhado por Tuan (2012), que corresponde aos laços afetivos estabelecidos entre os indivíduos e o ambiente vivido. Esses vínculos são tecidos por meio das experiências sensoriais, emocionais e culturais desenvolvidas no plano do vivido, permitindo compreender como os sujeitos criam relações de pertencimento com o território. No caso das quebradeiras de coco, o trabalho extrativista, os encontros diários, os saberes-fazeres transmitidos entre gerações e os elementos simbólicos presentes na paisagem constituem experiências imediatas que fortalecem a identidade cultural dessa comunidade.

Outro importante fundamento teórico aqui discutido, refere-se à filosofia do significado da Fenomenologia, que busca apreender o mundo circundante a partir das experiências vividas dos sujeitos. A Fenomenologia propõe uma análise centrada na percepção subjetiva, considerando que os indivíduos atribuem significados aos espaços por meio das relações construídas na experiência vivida, que envolve mais do que compreensão cognitiva, pois incorpora elementos sensoriais, afetivos e simbólicos que antecedem o conhecimento racional, ressalta Buttimer (1982).

Nesse sentido, a percepção ambiental torna-se um elemento fundamental para compreender a maneira como os grupos sociais interpretam e vivenciam o espaço vivido. Conforme Oliveira (2002), a percepção diz respeito

aos significados atribuídos às sensações e experiências vividas pelos sujeitos em relação ao ambiente. Assim, cada indivíduo constrói sua própria leitura do espaço a partir de suas experiências, memórias e relações culturais.

De acordo com Paul Claval (1983), o homem constrói na sua trajetória uma rede de significados sobre os objetos experenciados, consequência de seus atributos culturais, práticas coletivas, vivências cotidianas e aprendizados adquiridos. Com efeito, os traços presentes na paisagem deixam de possuir apenas funções utilitárias e passam a representar símbolos carregados de sentidos culturais construídos ao longo do tempo. O machado, o balaio, o pilão, o fogareiro e o próprio coco babaçu, por exemplo, assumem significados que perpassam o trabalho meramente extrativista, tornando-se expressões culturais e identitárias das mulheres quebradeiras de coco aqui analisadas.

A partir dessas reflexões, apreende-se que os saberes-fazeres populares das quebradeiras de coco são construídos no interior das suas experiências, constituindo-se formas próprias de conhecimento tradicional subjacentes à relação amiúde entre a cultura e a natureza vivida por excelência. Esses saberes envolvem técnicas diversas de coleta, quebra e aproveitamento do babaçu, bem como conhecimentos sobre o tempo da natureza, a vegetação, a produção artesanal e as dinâmicas de ordem social da comunidade tradicional.

Por conseguinte, os fundamentos da Geografia Humanista-Cultural e da Fenomenologia permitem compreender que as práticas das quebradeiras de coco babaçu representam mais do que atividades econômicas, configurando-se como manifestações e representações de cultura que expressam (inter)subjetividades, identidades,

memórias, pertencimentos e modos de vida construídos historicamente no espaço rural maranhense, nos arredores do espaço urbano de Imperatriz.

3. Metodologia

A pesquisa ora apresentada tem como base uma abordagem qualitativa, fundamentada nos pressupostos da Fenomenologia e da Geografia Humanista-Cultural, buscando compreender os saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz a partir das experiências e das relações construídas no território de pertencimento. A abordagem adotada permite analisar os significados, representações e subjetividades presentes nas experiências vividas, considerando o indivíduo como parte fundamental da construção do conhecimento. Na concepção de Minayo (2001, p. 21), a pesquisa qualitativa "[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes", possibilitando compreender fenômenos sociais e culturais em sua complexidade.

A Fenomenologia foi adotada como aporte metodológico por possibilitar a compreensão do mundo vivido a partir das experiências dos indivíduos pesquisados – as mulheres quebradeiras de coco. Para a geógrafa Anne Buttimer (1982, p. 185), "a Fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência", valorizando as dimensões afetivas, sensoriais e simbólicas presentes nas relações humanas com o espaço. Nessa perspectiva, buscou-se compreender os significados atribuídos pelas quebradeiras de coco no seu território de pertencimento, no âmbito do trabalho extrativista e das manifestações

culturais construídas em seu cotidiano.

Conforme destacado, a área de estudo abrange os povoados de Coquelândia e Vila Conceição I, situados na zona rural do município de Imperatriz. A escolha dessas localidades ocorreu devido à presença significativa de grupos de quebradeiras de coco babaçu, cuja atividade constitui significativo meio de sobrevivência econômica, identidade cultural e de protagonismo feminino no meio rural.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em duas etapas principais. Na primeira etapa, realizou-se levantamento bibliográfico de livros, artigos, dissertações e teses relacionadas aos temas aqui discutidos à luz de postulados da Geografia Humanista-Cultural, Fenomenologia, percepção ambiental, território e cultura. Essa etapa permitiu construir os fundamentos teóricos da pesquisa voltada para a análise da relação entre manifestações culturais e território, entre as experiências vividas das mulheres do coco com o espaço imediato de suas vivências. Conforme destaca Paul Claval (2001), a cultura deve ser compreendida como resultado das experiências humanas e dos significados construídos socialmente no território.

Na segunda etapa, foi realizado trabalho de campo nas terras das comunidades da Vila Conceição I e Coquelândia, por meio da visita aos territórios das mulheres de coco babaçu, com a realização de observações diretas, entrevistas e colhimento de fotografias. As entrevistas foram realizadas junto com as quebradeiras de coco dos povoados pesquisados em Imperatriz, que possibilitaram identificar aspectos relacionados aos saberes tradicionais, às vivências coletivas, às formas de organização e às percepções ambientais desenvolvidas a partir da

convivência com o babaçu, que envolvem sentimentos de pertencimento. Segundo Yi-Fu Tuan (2012), as experiências vividas no espaço produzem sentimentos de pertença e identidade, permitindo compreender vínculos afetivos construídos entre os sujeitos e o lugar.

Do ponto de vista (i)material, as observações possibilitaram analisar a vivência coletiva das quebradeiras de coco, os instrumentos utilizados na atividade extrativista, os modos de beneficiamento dos derivados do babaçu e os aspectos sensíveis presentes nos encontros entre as trabalhadoras rurais. Os registros fotográficos contribuíram para documentar os recortes de paisagens culturais, os elementos técnicos utilizados e as experiências vivenciadas pelas participantes da pesquisa.

A análise das informações de campo considerou os relatos das entrevistadas em diálogo direto com os referenciais teóricos utilizados da Geografia Cultural e da Fenomenologia. Buscou-se compreender como os saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco se materializam nas paisagens, nos objetos técnicos, nos modos de vida e, de forma simbólica, nas representações culturais do território. Desse modo, conforme destaca Oliveira (2002), a percepção ambiental se refere aos significados atribuídos pelos indivíduos às experiências vividas no espaço, permitindo compreender as relações simbólico-materiais construídas entre homem e ambiente.

Dessa forma, a metodologia adotada possibilitou valorizar as experiências vividas, narrativas e saberes-fazeres tradicionais das quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz, reconhecendo-as como trabalhadoras produtoras de cultura, identidade e de memória coletiva no espaço rural maranhense.

4 Saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu em Imperatriz-MA

Os resultados da pesquisa evidenciam que os saberes-fazeres e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu constituem significativas expressões identitárias dos povoados de Coquelândia e Vila Conceição I (Figura 02 e 03), no município de Imperatriz. As experiências vividas das mulheres rurais revelam que o trabalho com o babaçu ultrapassa a dimensão econômica, configurando-se como prática social carregada de sentidos e significados variados, memória coletiva e sentimentos de pertencimento construídos historicamente no território.

Figura 02: Sede Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, Vila Conceição I, em Imperatriz-MA, em julho de 2019



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2019.

Figura 03: Unidade de Beneficiamento de Coco Babaçu de Coquelândia, Imperatriz-MA, em julho de 2019



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2019.

As entrevistas realizadas *in loco* revelaram que o aprendizado da quebra do coco babaçu ocorre desde a infância, sendo transmitido de geração em geração por meio das mães e avós, sobretudo a partir da oralidade. O processo de transmissão de saberes-fazeres populares evidencia a construção coletiva de conhecimentos horizontais em contato direto com a natureza, fortalecendo os vínculos familiares e sentimento de pertença entre os indivíduos e destes com o território. Nesse sentido, uma das entrevistadas relatou: "aprendemos a quebrar coco com nossas mães e avós desde cedo para ajudarmos em casa, aqui neste mesmo lugar"[1]. A narrativa evidencia a importância dos saberes na construção dos laços e na sobrevivência econômica familiar em meio ao próprio envolvimento com o mundo vivido.

Nesse sentido, a oralidade e a convivência cotidiana

1Entrevista concedida em Coquelândia, 29 de janeiro de 2019.

aparecem como elementos fundamentais na preservação desses conhecimentos. Os saberes das quebradeiras de coco babaçu são construídos a partir das experiências vividas estabelecidas no território de pertencimento, envolvendo conhecimentos diversos, como o período adequado para coleta do babaçu, técnicas de quebra, o beneficiamento dos derivados e a utilização dos instrumentos de trabalho.

Segundo Claval (1983), os indivíduos atribuem significados aos objetos e espaços a partir das experiências vividas e das relações estabelecidas no cotidiano. Dessa forma, o trabalho das quebradeiras de coco revela uma relação material e simbólica com a natureza, na qual as singularidades na paisagem tornam-se referências culturais e identitárias entre as trabalhadoras, que também acabam compondo a paisagem rural que se encontra envolvidas.

Durante as observações construídas em campo, identificou-se que o trabalho das quebradeiras ocorre de forma coletiva, geralmente em grupos de mulheres rurais, fortalecendo o protagonismo feminino a partir de relações de solidariedade e companheirismo. Nos povoados pesquisados, as trabalhadoras rurais costumam reunir-se em casas de beneficiamento, quintais ou em outras áreas próximas aos babaçuais para realizar a quebra do coco. Esses espaços de encontro configuram-se não apenas como locais de trabalho, mas também como ambientes de convivência e construção de afetividades.

No trabalho de campo, uma das mulheres entrevistadas da Vila Conceição I destacou: "O coco babaçu se encontra fácil aqui na Vila Conceição, tem muito coco bom por aqui, quebramos na mata mesmo, já tem um lugar organizado em que ficamos com algumas coisas: machado, balaio,

pilão, pedaço de madeira, fogo... Levamos um rádio, é bom... A gente conversa que a mente da gente voa"[2]. O relato revela que o trabalho coletivo produz experiências que perpassam a atividade extrativista, fortalecendo vínculos sociais e afetivos entre as participantes. Para Yi-Fu Tuan (2012), às experiências vividas no espaço são responsáveis pela construção topofílica dos indivíduos com o lugar, ou seja, pela constituição dos sentimentos de pertença que transformam o espaço em um lugar carregado de significados (inter)subjetivos.

Os resultados do trabalho de campo também evidenciaram a produção de saberes-fazeres tradicionais que envolvem a relação direta das mulheres com o meio circundante, e, por conseguinte, com o manejo do babaçu. As quebradeiras demonstraram domínio técnico sobre o processo de coleta e beneficiamento, identificando períodos mais adequados para a atividade, especialmente durante os meses de verão, inclusive em razão das melhores condições das vias de acesso aos babaçuais, e, igualmente, por causa da menor incidência de cocos deteriorados pelas chuvas.

Além disso, observou-se o conhecimento detalhado acerca dos instrumentos utilizados no trabalho, como o machado, a marreta, o balaio, o pilão e o fogareiro. Esses elementos técnicos assumem forte dimensão material e simbólica no cotidiano das mulheres, tornando-se representações de cultura associadas à identidade da comunidade tradicional. Não à toa, afirmar Gonçalves (2016) que os símbolos são construídos a partir das experiências e práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos no espaço vivido, lócus de suas vivências e de saberes-fazeres próprios, como no caso dos babaçuais para as mulheres rurais de Imperatriz.

2 Entrevista concedida em Vila Conceição I, 02 de fevereiro de 2019.

Nesse território de pertencimento, o machado utilizado pelas quebradeiras não representa apenas uma ferramenta de trabalho, mas um elemento carregado de significados culturais, associado à memória coletiva e à experiência cotidiana dessas mulheres. O mesmo ocorre com os balaios, os cestos artesanais e os espaços destinados à quebra do coco, que constituem marcas culturais presentes na paisagem das comunidades estudadas.

Outro aspecto relevante identificado na pesquisa de campo se refere às práticas de beneficiamento dos derivados do babaçu. A partir do extrativismo, as quebradeiras produzem azeite, carvão, sabão, leite de coco e artesanatos, derivados da palha da palmeira, o que revela um amplo conhecimento sobre o aproveitamento integral do fruto (Figuras 04 e 05). Essas práticas reforçam a relação entre cultura, trabalho e sustentabilidade, evidenciando formas tradicionais de uso da natureza dentro de uma perspectiva horizontal entre a comunidade e os recursos naturais do Sudoeste Maranhense.

Figura 04: Azeite/óleo de coco em Coquelândia, em Imperatriz-MA, no mês de julho de 2019



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro, 2019.

Os dizeres das mulheres também foram observados, como “panhar”, “zoar”, “terreiro”, entre outros, que se mesclam às paisagens que se descortinam: casas com cobertas de palhas com cocos no fundo dos quintais, o alpendre e fogareiro compondo a fisionomia regional (Figura 06). As cantigas entoadas pelas mulheres durante a quebra do coco também apareceram como significativas marcas na paisagem, constituindo-se representações simbólicas construídas a partir das experiências dos indivíduos e grupos humanos, conforme ressalta Almeida (2008). Com efeito, as músicas expressam aspectos da memória, do cotidiano, das relações familiares e das experiências de trabalho, que acabam fortalecendo a identidade das mulheres quebradeiras em seu território. Vide uma das canções entoadas pelas trabalhadoras da Vila Conceição I representativa do cotidiano e de seus simbolismos, que possuem o poder de sugerir o todo vivenciado, conforme diz Gonçalves (2016).



Quando está de madrugada eu vejo o pilão zoar
São as mulheres do babaçu que não sai sem almoçar
São as mulheres do babaçu que não sai sem almoçar

Quem quebra o babaçu tem gosto e satisfação
Quem quebra o babaçu tem gosto e satisfação
Anda com a vista ligeira quando bate e cai no chão
Anda com a vista ligeira quando bate e cai no chão

Marido me dar um vestido daquela fazenda azul
Marido me dar um vestido daquela fazenda azul
Mulher não tenho dinheiro quebra o coco babaçu
Mulher não tenho dinheiro quebra o coco babaçu.



Contudo, os relatos das entrevistadas revelaram preocupações quanto à continuidade dessa prática cultural entre as novas gerações. Muitas quebradeiras afirmaram que os jovens revelam pouco interesse pela prática social e cultural, principalmente devido aos outros modos de vida e oportunidades de trabalho para além dos territórios dos babaçuais, que também sofrem ameaças de existência em face aos avanços das fronteiras agrícolas do agronegócio no Maranhão, e, por conseguinte, na Amazônia Oriental. Uma entrevistada relatou que as quebradeiras, muitas vezes, coletam cocos em terrenos mais longes, devido a proibição da prática por fazendeiros locais. Trata-se de uma estratégia para manter viva a tradição, assim como realizar a quebra na parte da tarde e na própria casa das mulheres para não prejudicar os cuidados sobre os seus filhos. Mesmo com os esforços, uma outra entrevistada relatou temer pelo fim da prática tradicional: "Essa cultura, esse trabalho, minha fia, vai acabar um dia"[3].

A narrativa evidencia o sentimento de preocupação diante do possível desaparecimento dos saberes-fazeres populares relacionados ao coco babaçu. Tal contexto demonstra a necessidade de valorização e preservação desses conhecimentos enquanto patrimônio cultural das comunidades rurais maranhenses. De toda maneira, as experiências, os instrumentos de trabalho, os modos de organização coletiva, os saberes ambientais e os vínculos afetivos com o território revelam formas de resistência cultural e produção de identidade no espaço rural de Imperatriz, malgrado as ameaças reais para o seu arrefecimento.

3 Entrevista concedida em Coquelândia, 02 de fevereiro de 2019.

Figura 05: Balaios feitos de palha de palmeira de babaçu em Vila Conceição I, em Imperatriz-MA, no mês de julho de 2019



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro.

5. Considerações Finais

A presente pesquisa possibilitou compreender que os saberes e percepções ambientais das quebradeiras de coco babaçu constituem significativas expressões culturais e identitárias no município de Imperatriz, especialmente no âmbito dos povoados de Coquelândia e Vila Conceição I. Através das experiências descritas, foi possível identificar que o trabalho com o babaçu ultrapassa a dimensão econômica, configurando-se como prática social marcada por relações de pertencimento, memória, afetividade e resistência cultural.

Figura 06: Paisagem do local da quebra de coco na Mata dos Babaçus da Vila Conceição I, em Imperatriz-MA, em julho de 2019



Fonte: Arquivo das autoras do capítulo de livro.

Os resultados revelaram que os conhecimentos relacionados à quebra do coco são construídos historicamente e transmitidos entre gerações por meio da oralidade e da convivência cotidiana. As práticas desenvolvidas pelas quebradeiras evidenciam formas tradicionais de relação com a natureza, nas quais o território é percebido não apenas como espaço físico-material, mas sim como espaço vivido e sentido, carregado de sentidos e significados simbólicos e culturais. Conforme Yi-Fu Tuan (2012), os vínculos afetivos estabelecidos entre os sujeitos e o lugar produzem sentimentos de pertença e identidade territorial, traços indissociáveis à realidade observada das mulheres quebradeiras em suas experiências e percepções ambientais.

As observações *in loco* e os relatos das mulheres entrevistadas permitiram compreender que os instrumentos de trabalho, as cantigas, os modos de vida,

as formas do falar, os encontros diários e as práticas de beneficiamento do babaçu constituem representações de cultura (i)materializadas na paisagem e no mundo vivido dessas comunidades de protagonismo feminino. Nessa perspectiva, os elementos técnicos utilizados pelas quebradeiras assumem significados simbólicos que expressam suas experiências e modos de vida dentro do território de pertencimento e ancestralidade, conforme aponta Claval (1983).

Além disso, a pesquisa construída evidenciou a relevância social, econômica e cultural das mulheres quebradeiras na condição de sujeitas produtoras de saberes tradicionais. Seus conhecimentos sobre o meio circundante revelam formas sustentáveis de apropriação da natureza, dentro de uma horizontalidade e sensibilidade ambiental, que revelam uma preocupação na conservação da natureza, e, por conseguinte, na manutenção da memória e da identidade cultural entre as comunidades rurais maranhenses.

No bojo deste processo conscientizador, os relatos também revelaram preocupações quanto à continuidade dessa atividade e das próprias comunidades, especialmente em razão do desinteresse das gerações mais jovens em permanecer no trabalho extrativista, cada vez mais influenciados em realizar suas vidas em espaços mais distantes do meio rural familiar e tradicional. O contexto vivenciado aponta para a necessidade de revalorização das práticas das quebradeiras de coco, bem como para o fortalecimento de políticas públicas voltadas à preservação dos seus saberes-fazeres tradicionais, e, por conseguinte, das territorialidades construídas por esses grupos sociais.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida contribui para

os estudos da Geografia Humanista-Cultural ao evidenciar a importância das experiências vividas e das percepções ambientais na construção das representações culturais do espaço. Ao mesmo tempo, reforça a necessidade de reconhecer as quebradeiras de coco babaçu como protagonistas no sustento econômico de famílias, e na produção de cultura, identidade e memória coletiva no território maranhense.

Por fim, ao se evidenciar e discutir os saberes e percepções das quebradeiras de coco também se oportuniza dar mais visibilidade às experiências de mulheres historicamente associadas ao trabalho rural e ao extrativismo tradicional. Desse modo, este estudo reafirma a importância da revalorização dos conhecimentos tradicionais como patrimônio cultural e como elemento fundamental para a compreensão das relações entre sociedade, natureza e espaço vivido.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **GeoNordeste**, São Cristóvão, ano 1, n. 1, p. 31-52, jul. 2008.

BUTTIMER, Anne. Apresentação do dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CLAVAL, Paul. A geografia e a percepção do espaço. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 2, p. 243-255, abr./jun. 1983.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

GONÇALVES, Luciléa Ferreira Lopes. **Entre sotaques, brilhos e fitas:** tecendo geograficidades por meio dos bois Rama Santa e Maioba. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Lívia de. Ainda sobre saberes e percepções, cognição e representação em geografia. In: KOZEL, Salete; MENDONÇA, Francisco (org.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 189-196.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

BRUNO MAIA HALLEY



Bacharel (2005) e Mestre (2010) em Geografia pela UFPE. Doutor (2017) em Geografia pela UFF/Niterói, com estágio Doutorado-Sanduíche (2015) na ULisboa. Pós-Doutor (2018) em Geografia pela UFPE. Licenciado em Geografia (2020) e em Pedagogia (2024) pela UNINTER/Recife. Atua como Professor Adjunto I (Classe C) 40h na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL/ Imperatriz-MA (2025). Foi Professor Adjunto A-1 40h/DE no curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEDUCARR da UFRR/Boa Vista (2023-2025). Bolsista do Programa Bolsa Produtividade - PROPGI-UEMASUL (2025-2027). Vice-líder do Grupo de Estudos sobre Geodiversidade, Geoconservação e Dinâmicas Territoriais na Amazônia Setentrional - GEODITA (UFRR). Vice-líder do Grupo de Pesquisa sobre Espaço e Cultura no Sudoeste Maranhense. Integra o Laboratório de Estudos sobre Espaço, Cultura e Política - LECgeo (UFPE) desde 2008. Tem experiência e publicações nas áreas da Geografia Cultural, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico, Epistemologia da Geografia e Ensino de Geografia.

E-mail: bruno.halley@uemasul.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3779610509628991
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0094-2896

LUCILÉA FERREIRA LOPES GONÇALVES



Possui doutorado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2016); mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (2010); mestrado em Educação pelo Instituto Pedagógico Latinoamericano y Caribeno (2000); Especialização em Geografia e Planejamento Ambiental PUC-Minas (1994); Bacharel pela Universidade Federal do Maranhão (1989) e Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (1995). É professora Adjunto na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL; professora do Estado do Maranhão, nível médio, aposentada. Atualmente é reitora da UEMASUL Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Cultural, Ensino de Geografia; Geografia do Maranhão; Evolução do Pensamento Geográfico; Educação ambiental e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa sobre Espaço e Cultura no Sudoeste Maranhense. É pesquisadora do Grupo de Pesquisas Socioeconômicas do Maranhão (GPS - UEMASUL) e do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações (NEER). Líder do Grupo de Pesquisa sobre Espaço e Cultura no Sudoeste Maranhense da UEMASUL.

E-mail: lucilea.goncalves@uemasul.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9206093186876120
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3519-3714

LUANA DOS REIS SILVA

Luana dos Reis Silva, possui graduação em Geografia Licenciatura pela UEMASUL, onde desenvolveu pesquisas financiadas FAPEMA. Suas pesquisas e publicações estão centralizadas na Geografia Cultural e abordam os seguintes temas: Geografia e Literatura, Espaços Públicos, Cyber Espaço e Geografia da Religião.

Lattes: https://lattes.cnpq.br/8838757959590243
E-mail: luana.reis.silva@uemasul.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8775-8177

LIDIENE RODRIGUES SILVA

Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da UEMASUL. Possui Especialização em Metodologia do Ensino de Geografia, no Centro Universitário Internacional – UNINTER. Possui experiência na área de Geografia, com ênfase em Ensino de Geografia.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/9333196421382561
E-mail: lidienesilva.201712574@uemasul.edu.br

LUCAS MIKAEL DA SILVA

Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da UEMASUL. Concluiu o Ensino Médio no Centro de Ensino Vinícius de Moraes, localizado na cidade de Imperatriz-MA.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/6626213112482464
E-mail: lucas.mikael.silva@uemasul.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0007-8381-1595

CAMILA BORGES DA SILVA

Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da UEMASUL. Concluiu o Ensino Médio no Centro Educa Mais Mourão Rangel, localizado na cidade de Imperatriz-MA.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/5047359418968812
E-mail: camila.borges@uemasul.edu.br

ANNE KAROLINE SILVA SOUSA

Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC da UEMASUL. Concluiu o Ensino Médio no Centro de Ensino Governador Archer, localizado na cidade de Imperatriz-MA.

Lattes: http://lattes.cnpq.br/7659027054767283
E-mail: annesousa.201712725@uemasul.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6145-3439

Fonte: Source Serif Variable
PAPEL: Offset 90
Gráfica: K DE F C FREITAS LTDA.



A coletânea aborda expressões de cultura em Imperatriz assentando-se na compreensão de experiências denotadoras de representações e identidades no âmbito do urbano e do rural, como os recortes de paisagens nas praças centrais em Imperatriz; as festividades e identidades territoriais da cidade; os geossímbolos e paisagens culturais nas feiras livres de Imperatriz, em especial o bairro Mercadinho; as memórias e temporalidades diversas na Av. XV de Novembro no sítio original de Imperatriz; e as percepções ambientais e as geograficidades das quebradeiras de coco babaçu na zona rural de Imperatriz.

PROPGI
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

EDITORA UEMASUL

10 anos UEMASUL